

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**DOUGLAS ALVES**

O ESPORTE E A LÓGICA CAPITALISTA

Piracicaba  
2007

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**DOUGLAS ALVES**

**O ESPORTE E A LÓGICA CAPITALISTA**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, na área de Pedagogia do Movimento, Corporeidade e Lazer, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eline Porto, como requisito parcial para conclusão do curso de Educação Física, da Universidade Metodista de Piracicaba.

Orientador: Prof<sup>o</sup>.Ms. Rodrigo Batagello  
Orientador Colaborador: Prof<sup>o</sup>. Ms. Ricardo Ducatti Colpas

Piracicaba  
2007

Dedico aos meus amigos e amigas de infância da rua **projetada um**, Quitaúna – SP, um **bom lugar**, muito obrigado pelas diversões, brincadeiras, respeito, lealdade e amizade insubstituível.

A professora Neuza que me ensinou a interpretar os primeiros textos e meus amigos e amigas da escola General Antônio de Sampaio, Osasco - SP.

A minha primeira treinadora de atletismo Fátima Aparecida Adão e ao meu treinador Mário Luís de Almeida Leme que sempre me apoiaram nas pistas e nos estudos, me ensinando o caminho justo e leal da vitória.

Aos meus pais, Paulino Modesto Alves e Maria das Graças Alves pelo amor, ensinamentos e apoio constante e incondicional.

Ao meu irmão Valdeci e sua família pelo olhar carinhoso e atencioso.

## **Agradecimentos**

*Aos meus amigos:*

Ricardo Forti, pela amizade leal e intensa. Pelos conselhos e companheirismo desde os tempos de escola. Por compartilhar comigo os mesmo desejos e sonhos de justiça, igualdade e por uma sociedade mais fraterna.

Fábio Clementino, pelo companheirismo ao longo desta caminhada na vida esportiva e acadêmica cheia de obstáculos, dúvidas e incertezas. Pela troca de conhecimento, pelos sinceros elogios e por ser um amigo sempre presente.

Edson José Modesto, pelo respeito e confiança. Pelos debates que fizemos ao longo desse último semestre (tempos de monografia) dentro do ônibus, sendo que, estas discussões contribuíram em muito para a nossa formação da “consciência crítica” e, atitudes multiplicadoras, e pelo seu compromisso com os menos favorecidos.

*Aos professores(as):*

Rodrigo Batagello, pela amizade e orientação deste trabalho. Por indicar-me os instrumentos da teoria marxista para lutar contra o capitalismo.

Ricardo Ducatti Colpas, pela co-orientação e pela amizade fraterna. Pela socialização de conhecimentos e, por se mostrar afetivamente comprometido pela transformação revolucionária da sociedade.

Eline Porto, por seus ensinamentos em sala de aula. Pela admiração, carinho e respeito que pode perceber durante minha passagem pela academia.

*Em especial:*

A todos meus colegas da Equipe de Atletismo de Piracicaba.

Ao Professor, Francisco Maúri de Carvalho Freitas, pela contribuição que suas obras revolucionárias deram-me para transformar a Educação Física, em especial a, *A MISÉRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA* que tive o conhecimento quando esse trabalho estava sendo finalizado.

À minha família e a Deus por me dar saúde e tempo para construir minhas coisas.

[...] os criadores do mito Homo Sportivus, por falta de compromisso político com a transformação operária da sociedade e pela ausência de uma cultura filosófica marxista, servem de “moços de recados”, “meninos-propaganda”, para um “dispositivo” político que privilegia o supérfluo dos ricos em detrimento do estritamente necessário dos pobres ou do proletariado de média e baixa renda. Verdadeiramente são serviços de luxo do capitalismo à brasileira, em “reconstrução collorida”, que perpetua a decomposição e a degradação coletiva da classe operária, excetuando a aristocracia operária, gerando um enorme exército de homens famintos e de marginais, verdadeiros psicóticos ensandecidos.

Francisco Máuri de Carvalho Freitas

## RESUMO

O objetivo desse trabalho é estudar como ocorre processo de mercantilização do esporte numa sociedade que assume os valores capitalistas. Para tanto, iremos utilizar os instrumentais teóricos oferecidos pela perspectiva marxiana. Segundo o referencial teórico adotado, tentaremos demonstrar como o esporte pode ser considerado um instrumento político/ideológico, através do qual são difundidos e reproduzidos os valores morais defendidos por uma minoria economicamente dominante. Desse modo pretendemos demonstrar como a idéia de competitividade, superação de limites etc., refletem, na realidade, as expectativas e comportamentos típicos de um modo de produção determinado. Dentro desse contexto, abordaremos como ocorre o processo de mercantilização do esporte e sua transformação em espetáculo onde os atletas passam a vender sua força de trabalho, e esperam receber em troca um valor equivalente pela sua produção. Este trabalho será desenvolvido através de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, por meio do método dialético, delineada pela técnica de pesquisa bibliográfica.

**Palavras-chave:** capitalismo-marxismo, mercantilização e esporte.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p.07
<b>1 - Conceitos Fundamentais do Pensamento Marxiano</b> .....	p.11
1.1 O trabalho animal.....	p.12
1.2 Características do trabalho humano.....	p.14
1.3 Da divisão do trabalho e trabalho alienado.....	p.20
1.4 Ideologia.....	p.24
1.5 Capitalismo e divisão da sociedade em infra-estrutura e superestrutura.....	p.25
<b>2 - Esporte e Capitalismo: duas faces da mesma moeda</b> .....	p.30
2.1 O esporte moderno e seu uso político.....	p.30
2.2 O esporte como instrumento ideológico do Estado.....	p.35
2.3 O esporte e sua estrutura capitalista.....	p.39
<b>3 - O Processo de Mercantilização do Esporte</b> .....	p.46
3.1 Esporte-espetáculo e sociedade.....	p.46
3.2 Mercantilização do esporte.....	p.51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	p.59
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	p.61

## INTRODUÇÃO

Ao ingressar na universidade no ano de 2002, no curso de Licenciatura em Matemática, posso lhes dizer que foi neste momento da minha vida acadêmica que me levou a fazer este trabalho de conclusão de curso, fundamentado na teoria de marxiana. Mas não pelo que aprendi dentro das salas de aulas, mas fora delas.

Sendo influenciado e persuadido pelo meu amigo Ricardo Forti, que na época era vice-presidente do Diretório Central dos Estudantes – DCE e, pelo interesse que sempre tive em participar de movimentos estudantis e políticos, tive a oportunidade de atuar e participar em várias frentes nesses movimentos, tais como, o Centro Acadêmico de Matemática, qual fui vice-presidente e presidente; participações no DCE e nos movimento negros, entre eles destaco o Núcleo de Afrodescendente da Unimep – NADU, ONG Afrobras (Sociedade Afro-Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural) e da Associação dos Universitários negros e negras de Piracicaba – AUÊ, sendo, este último, uma associação que ajudei a construir. E, posteriormente, no C. A. de Educação Física em 2005.

Mas de todos estes movimentos estudantis e políticos que participei, um tem uma importância decisiva para minha formação. Destaco o 1º Encontro da Juventude do Campo e da Cidade, realizado na Mooca em 2002, cidade de São Paulo e organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST. Foi neste encontro que pude observar os debates sobre a teoria de Marx, onde todos ali presentes demonstravam o compromisso pela luta de classes, em especial para com os menos favorecidos.

Outro fato que me marcou foi a forma na qual todos nós discutíamos sobre as questões que o mundo estava passando dentro de uma contexto capitalista. Todos sentados no chão em forma de círculo. Numa dessas rodas, ouvi falar de Paulo Freire e sua preocupação em desenvolver nos cidadãos e cidadãs a “consciência crítica”.



Voltando aos dias de aula, na universidade, todas aquelas questões que vivenciei naquele momento da roda de conversa passei a debater comigo mesmo, tentando descobrir onde e em que lugar poderia aplicá-las.

Ainda sobre minha passagem pelo curso de Matemática, conheci um estudante que estava concluindo o curso de Filosofia, o qual me chamou a atenção pelo seu compromisso com alguns movimentos sociais, seu nome Rodrigo Batagello.

Passados dois anos e meio, segundo semestre de 2004, transfiro-me para o curso de Educação Física da mesma instituição e, em 2006, fazendo a disciplina de estágio supervisionado como componente obrigatório do currículo na área da Educação Física escolar, encontro as mesmas práticas vividas por mim no encontro do MST sendo aplicadas nas aulas de educação física. As rodas de conversa, as discussões sobre as questões da nossa sociedade, das relações sociais e sobre a aula em si.

Durante o meu estágio, conheci o professor do Instituto Educacional Piracicabano – Colégio Piracicabano, Ricardo Colpas, e este me revelou a Educação Física revolucionária e sua colaboração na transformação da realidade social, através da prática corporal. A abordagem utilizada pelo professor, a Crítico-Superadora, estabelece critérios para a sistematização dessa disciplina no âmbito da escola e se apresenta pautada num projeto histórico de sociedade que tem como princípio a superação da sociedade capitalista. Esta abordagem é fundamentada em Marx.

Portanto, a linha de estudo que tomaremos para o desenvolvimento deste trabalho é construído graças a um processo que tive no início da minha vida acadêmica e, que hoje tenho como professor orientador, Rodrigo Batagello, que, atualmente, ministra aulas de Filosofia e Ética no curso de Educação Física da Unimep, e como co-orientador, o professor Ricardo Colpas, sendo ambos responsáveis pela concretização desse meu sonho. Ou seja, discutir a influência do capitalismo no esporte.

Podendo ser observada as constantes transformações que vem ocorrendo no mundo, por conta de um sistema econômico contraditório, que priva uma classe social por interesses particulares, em detrimento dos interesses de uma classe economicamente dominante, acabam influenciando as estruturas de uma sociedade, a fim de manter os interesses dominantes vigentes. E o esporte, por ser um fenômeno sociocultural que está instituído na vida de muita gente no mundo inteiro, vem ao longo do tempo sendo influenciado por uma ideologia dominante capaz de transformá-lo em mercadoria.

A justificativa desse presente trabalho é buscar uma maior reflexão sobre o esporte inserido numa sociedade que assumiu os valores capitalistas, a partir de um ponto de vista crítico, tentando compreender como o esporte faz sua relação com esta sociedade, de tal forma que, tudo o que se vê e consume faz parte de um ideal já determinado.

Portanto, partindo de algumas inquietações, levantamos algumas problematizações que devem ser respondidas ao decorrer desse nosso trabalho, são elas: 1) o esporte assume os valores do capitalismo na busca do lucro e rendimento a qualquer preço? 2) o esporte pode ser considerado como um instrumento ideológico do Estado? 3) o esporte já foi utilizado para fins políticos? 4) como, quando e porque o esporte tornou-se mercadoria? 5) qual a necessidade de se entender a mercantilização do esporte num contexto de sociedade de consumo?

No primeiro capítulo estudaremos o conceito de trabalho na visão marxiana, considerando as questões da divisão social do trabalho, trabalho alienado, infra e superestrutura e ideologia, por fim, um estudo da relação da sociedade e do capitalismo, bem como, suas definições num conceito marxiano para melhor entendermos como se constituiu a estrutura de uma sociedade capitalista. No segundo capítulo abordaremos a relação do esporte com o capitalismo, levando em consideração que o último é um modo de produção de mercadorias, pelos quais os meios de produção são apropriados e, o esporte, dentro desse sistema capitalista, reflete na realidade as expectativas e comportamentos típicos de um modo

de produção determinado. Além de assumir os valores do capitalismo na busca do lucro e rendimento a qualquer custo, também é utilizado como instrumento ideológico de Estado e politicamente como elemento disciplinador, higienista e alienador que emprega valores nacionalistas e até raciais. Finalmente, no terceiro capítulo, discutiremos como ocorre o processo de mercantilização do esporte, levando em consideração a sua transformação em espetáculo e da influência que a sociedade de consumo exerce sobre ele.

O objetivo deste trabalho é estudar como ocorre o processo de mercantilização do esporte numa sociedade que assume valores capitalistas, levando em consideração a estrutura de funcionamento do sistema capitalista a partir de uma perspectiva marxiana, e assim, procurar estabelecer uma crítica em torno da mesmice que existe sobre o esporte. Por conseguinte, tendo como metodologia o desenvolvido de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, por meio do método dialético, delineada pela técnica de pesquisa bibliográfica (GIL, 1996).

## 1. - Conceitos Fundamentais do Pensamento Marxiano

*“A liberdade jamais será dada pelo opressor. Ela tem que ser conquistado pelo oprimido”*

Martin Luther King

Partindo inicialmente da noção geral de que o objetivo amplo do marxismo é interpretar a realidade para depois transformá-la, consideramos que:

[...] o marxismo não é uma teoria científica como as outras, não visa simplesmente descrever ou explicar, mas visa transformar a realidade, visa uma transformação revolucionária. Trata-se, portanto de compreender a realidade para transformá-la revolucionariamente a partir de um ponto de vista de classe, do ponto de vista das classes dominadas (LÖWY, 1998: 18).

Esta compreensão de transformar a realidade revolucionariamente, parte do princípio de que quando as nossas idéias sobre a sociedade visam transformá-la, e quanto mais entendemos a importância desse processo de transformação mais lutamos para que ele ocorra (LÖWY, 1998).

Mesmo não sendo um filósofo, a obra de Karl Marx exerceu grande repercussão e alcançou uma importância filosófica capaz de influenciar diversas áreas como a história, política, economia, sociologia, entre outras. Os conceitos econômico-filosóficos e idéias revolucionárias marxianas foram fundamentais para o século XX, pois ofereceram o instrumental teórico necessário para uma profunda reconsideração sobre os processos de formação da consciência, associando a produção da vida intelectual ao contexto da produção da vida material e, criaram as considerações necessárias para libertar o homem do cárcere no qual a metafísica lhe havia encarcerado. Marx procurava, através da sua filosofia contestadora, criticar a modernidade pelo seu próprio processo de desenvolvimento, combatendo os preconceitos, as superstições e o falso saber provindo das antigas filosofias (MARCONDES, 1997).

Um dos conceitos fundamentais que Marx discute em sua teoria é o conceito de trabalho, considerando-o como relação fundamental entre o sujeito e o objeto. Segundo Marx, “o trabalho é uma relação invariante entre a espécie humana e seu ambiente natural, uma

perpétua necessidade natural da vida humana” (MARCONDES, 1997: 229). Contudo, antes de investigarmos em profundidade as características do trabalho humano, é necessário entendermos quais são as diferenças entre o trabalho humano e o trabalho animal.

### **1.1 - O trabalho animal**

A atividade dos animais que se encontram nos níveis mais baixos da escala zoológica de desenvolvimento se caracteriza por ser um conjunto de ações instintivas orientadas por leis biológicas, como é o caso dos insetos. Se observarmos com atenção uma aranha tecendo uma teia, não podemos dizer que isto é um trabalho, porque este ato não possui história, ou seja, não é modificado ao longo de sua vida. Este ato de tecer uma teia com extrema habilidade é padronizado e só é modificado se ocorrer uma evolução de sua espécie ou, por algum tipo de mutação genética. A construção de alguma coisa por parte do animal não tem como finalidade promover condições melhores de vida, mas:

[...] em certas aves chamadas tendilhões, o hábito de fazer ninhos típicos da espécie é tão fixo que após cinco gerações em que essas aves eram criadas por canários, ainda continuavam a construí-los como antes (ARANHA; MARTINS, 1993: 03).

Os animais mamíferos, que se encontram em melhor colocação na escala zoológica ou, em níveis mais altos, passam a transcender suas ações instintivas para uma categoria de atos inteligentes. Um exemplo é, quando se coloca o chimpanzé com fome dentro de uma jaula, e nela estão penduradas bananas que o animal não consegue alcançar, mas, resolve este problema quando pega o caixote e coloca-o debaixo das bananas para pegá-las, ou seja, a partir de uma visão global do ambiente o chimpanzé estabelece uma relação entre o caixote e a banana (ARANHA; MARTINS, 1993).

Para solucionar este problema, o chimpanzé não conta com uma ação imediata, mas a solução depende da sua capacidade intelectual de estabelecer uma relação entre o caixote e as bananas. Assim, a sua inteligência o distingue do inseto, contudo, ainda se trata de um tipo de

inteligência concreta, estabelecida no ato da situação real e “mesmo que alguns animais organizem sociedades mais complexas [...], não há nada que se compare às transformações realizadas pelo homem enquanto criador da cultura” (ARANHA; MARTINS, 1993: 04).

Mesmo que um animal realize uma ação transformadora, que possa ser reconhecida como um tipo específico de trabalho (por exemplo, o joão-de-barro que constrói sua casinha), este trabalho não é consciente e nem pode ser considerado criativo, pois sempre que o joão-de-barro, ou qualquer outro animal criar resultados materiais, estes resultados serão iguais para todos os sujeitos pertencentes a uma mesma espécie. Além disso, as técnicas e o processo de construção, também, serão idênticos para os membros de uma mesma espécie, situação que nos força a reconhecer que a ação do indivíduo não pode ser considerada um ato criativo ou reflexivo. Já o trabalho humano, se caracteriza por ser uma ação consciente, capaz de reproduzir e criar novas técnicas a fim de transformar a natureza de acordo com a sua necessidade humana, e mudar a sua maneira de agir, perceber, pensar e sentir o mundo que o cerca. O trabalho humano é uma atividade consciente e transformadora, através da qual o homem cria objetos culturais e cria a si próprio (ARANHA; MARTINS, 1993).

Os animais permanecem mergulhados na natureza e as espécies vivem apenas o presente, de modo que o acúmulo de suas ações e experiências não se revertem em aprendizado. Isso significa que, o trabalho animal não está submetido à mesma lógica que preside a atividade humana, que se desenvolve graças ao movimento dialético produzido pelo conflito entre consciência e materialidade. (ARANHA; MARTINS, 1993).

A ação humana que transforma o mundo natural (realidade estritamente material) em mundo cultural, onde:

[...] cultura significa tudo o que o homem produz ao construir sua existência: as práticas, as teorias, as instituições, os valores materiais e espirituais. Se o contato que o homem tem com o mundo é intermediado pelo símbolo, a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo em determinado tempo e lugar. Dada a infinita possibilidade de simbolizar, as culturas dos povos são múltiplas e variadas (ARANHA; MARTINS, 1993: 06).

Esta questão do trabalho, pelo qual o homem transforma a natureza e a si próprio, diferenciando-se dos demais animais, será desenvolvido no próximo item.

## **1.2 - Características do trabalho humano**

A história do desenvolvimento das técnicas e dos processos de transformação da realidade se confunde com a história do desenvolvimento da humanidade. De acordo com Dantas (1986), os homens tiveram que aprender a trabalhar desde a origem da humanidade para sobreviverem e satisfazer suas necessidades, produzindo e reproduzindo meios de subsistência. Este trabalho praticado pelo qual o homem se distingue do trabalho animal é criativo, enquanto o do animal é simplesmente instintivo.

De acordo com Carosi (1963), trabalho é a atividade transformadora, onde se empregam forças humanas, físicas e intelectuais, com o objetivo de moldar o mundo natural de acordo com as necessidades individuais ou coletivas de subsistência. Ou seja, o trabalho tornasse o emprego das energias humanas para diferenciar das ações de um animal e do funcionamento de uma máquina, pois é direcionado pela inteligência e pela sustentação da vontade do homem.

Conforme Braverman (1977), apoderar-se dos materiais da natureza assim como ocorre com os vegetais que absorvem minerais e luz do sol e animais que se alimentam de vida vegetal, não pode ser considerado trabalho. Pois, o trabalho é uma atividade que transforma o estado natural desses materiais, de modo que, possam ser utilizados para satisfazer as necessidades da espécie humana.

Para Braverman (1977), não se trata agora de analisar as semelhanças do trabalho humano com o trabalho dos outros animais, mas sim, as diferenças que os distanciam um do outro. Ao utilizar o termo trabalho para designar a atividade criativa peculiar do homem, Marx enfatiza que “não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho”

(MARX, 1996: 297). Uma aranha realiza funções que se assemelha a dos tecelões, e a abelha envergonha muitos arquitetos na construção de seus alvéolos. Mas o que realmente distingue o pior arquiteto humano da melhor abelha é que o humano cria em sua mente o cortiço antes de transformá-lo em realidade. No fim do processo, o resultado sai de acordo com a imaginação na qual o trabalho teve no início. Ou seja, o homem transforma o material de acordo com sua vontade e imprime no real a forma de sua consciência (MARX, 1996).

O trabalho, entendido aqui, como uma atividade adequada a um fim, distingue-se dos animais que procuram apenas a satisfação das suas necessidades biológicas. Através dele os homens produzem sua própria existência, mas antes de tudo:

[...] o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desses movimentos, sobre a Natureza externa e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 1996: 297).

Por essa forma, o trabalho humano é consciente e proposital. Já o trabalho dos outros animais é instintivo. Podemos observar quando uma largata completa a segunda metade de seu casulo sem se importar com a primeira (BRAVERMAN, 1977).

Carosi (1963) diferencia o trabalho do homem do trabalho animal, pois, o primeiro possui capacidades para fazer algo através de seus dons e idéias para atingir o que tem que ser feito, enquanto que, no animal, nada disso pode ser observado. Conforme Carosi (1963: 588) “diz-se que o animal trabalha, que a máquina trabalha, mas é certamente um modo muito impróprio de expressão [...]. É mais correto dizer que o animal e a máquina são instrumentos de trabalho”. Pois, desta forma, o trabalho está interiorizado na moralidade do homem, de forma que sua produção é uma virtude, à medida que consegue as condições necessárias mediante o trabalho para si ou para os outros.



O homem consegue distinguir-se do animal pelo trabalho, sendo este uma relação dialética da teoria com a prática que possibilita ao homem desenvolver sua imaginação e habilidade, uma vez que, sua ação é antecipada pelo pensamento, conseguindo modificar um objeto ao mesmo tempo em que sua ação também é alterada, gerando o seu processo histórico, onde o trabalho tornasse a condição fundamental para o homem alterar a sua visão perante o mundo e a si mesmo (ARANHA; MARTINS, 1993).

Outro conceito fundamental para entendermos a diferença entre o homem e o animal é a sua condição de trabalho a que cada um deles está submetido. Afinal, “o homem é um ser que trabalha e produz o mundo e a si mesmo. O animal não produz a sua existência, mas apenas a conserva agindo instintivamente [...]” (ARANHA; MARTINS, 1993: 05).

Sobre a necessidade e a utilidade do trabalho, Carosi (1963: 589) afirma que:

O trabalho é, além disso, fonte de prosperidade; tudo vem da natureza, mas nada vem sem o trabalho. Se a natureza fosse abandonada a si próprio pelo homem ocioso, não lhe oferecia sequer o necessário para viver; com o trabalho ela concede-lhe as maravilhas e comodidade do programa, acima de suas necessidades (CAROSI, 1963: 589).

O trabalho humano armazenado ou exercido em ferramentas, maquinarias ou em animais é um recurso utilizado, exclusivamente, pela competência humana para explorar a natureza. Assim, como todos os processos vitais de um corpo humano como os músculos, cérebros são inseparáveis do indivíduo, o trabalho também é uma propriedade inalienável do indivíduo humano. Portanto, tornasse impossível satisfazer as necessidades básicas em lugar de outra pessoa, que não seja si próprio. Entretanto, quando um proprietário utiliza os serviços de um animal, simplesmente canaliza a força e suas resistências naturais desse animal. Todavia, ao utilizar abelhas para a produção de mel ou de carneiros para a produção de lã, o proprietário só tira vantagens das condições biológicas das atividades dos animais. Mas, ao utilizar a força de trabalho do animal, o homem ao mesmo tempo, utiliza a sua para obter através do trabalho animal as mínimas condições variáveis do trabalho concreto (BRAVERMAN, 1977). Sendo assim:

O que distingue a força de trabalho humano é, portanto, não sua capacidade de produzir um excedente, mas seu caráter inteligente e proposital, que lhe dá infinita adaptabilidade e que produz as condições sociais e culturais para ampliar sua própria produtividade, de modo que seu produto excedente pode ser continuamente ampliado (BRAVERMAN, 1977: 58).

Portanto, é o homem que constrói e produz sua própria história, transformando a natureza e a si próprio a partir de uma ação humana e coletiva, caracterizando o trabalho como uma tarefa social, onde todas as diferenças que existem na sociedade são fundamentais para que se organizem na construção da vida social, econômica e política. Mesmo a sociedade sendo formada pelas relações sociais, o homem não perde a sua individualidade, o que faz com que se diferencie dos demais. Todavia, esta contradição de viver numa sociedade que opõe a alienação à liberdade é fundamental para manter a dialética em constante sintonia (ARANHA; MARTINS, 1993).

Além do trabalho, o homem possui outras condições que o diferencia do animal. Um é o ato voluntário e consciente da finalidade de seu uso, e o outro é a fala. O ato consciente, primeiramente, existe antes como pensamento, e este pode ser utilizado para atingir os fins propostos pela livre vontade do agente. Já a fala e as palavras, fazem parte da essência do universo humano, distinguindo-o do animal, pois, este não conhece a simbologia, mas somente os índices que indicam sempre a mesma coisa específica. Já o símbolo, além de ser universal é flexível, podendo uma palavra ter diversos entendimentos (ARANHA; MARTINS, 1993).

A linguagem e a palavra determinam a condição na qual o homem e o animal se desencontram, distanciando-o pelo fato da linguagem animal visar a adaptação ao concreto, enquanto a linguagem humana intervém como uma forma abstrata. Portanto, mesmo quando um animal conseguir solucionar um problema complexo, a sua inteligência ainda será concreta, tratando-se de uma experiência vivida no momento exato, enquanto que, para o homem, a linguagem por símbolos e abstrata permite distanciar-se do mundo e voltar para transformá-lo (ARANHA; MARTINS, 1993).

Ao dizer que o homem fala, trabalha e pelo trabalho transforma a natureza e a si próprio, nada disso terá sentido se não enfatizarmos que a ação do ser humano é uma ação coletiva. Pois o trabalho é uma função social e a palavra é um meio de diálogo (ARANHA; MARTINS, 1993).

Os estudos experimentais sobre o comportamento animal demonstram que eles não são totalmente privados da capacidade de aprender e conceber idéias de caráter inicial, ou mesmo aprender a resolver os problemas mais simples que sejam, portando:

Assim, uma criatura dotada de sistema nervoso tão primitivo como a minhoca pode aprender a passar por um labirinto; os chimpanzés podem ser estimulados a inventar e fazer instrumentos, tais como estender vara que lhes permitem atingir o alimento, ou empilhar caixas para o mesmo fim (BRAVERMAN, 1977: 52).

Conclui-se que, a diferença entre o homem e o animal não está apenas em grau, mas em espécie, cujo há uma imensa distância entre aprender as capacidades conceituais do ser humano em comparação aos animais mais adaptáveis. Ou seja, aos animais não foi possível ensinar-lhes a capacidade de manipular representações simbólicas e a linguagem articulada. Sem a aprendizagem das capacidades simbólicas e da linguagem, os animais permanecem com o seu pensamento conceitual a um nível rudimentar, que não pode ser transmitido através do grupo (BRAVERMAN, 1977).

Aranha e Martins (1993), também afirmam ao dizer que as diferenças entre o homem e o animal não é apenas em grau, pois enquanto o animal vive dentro da natureza, o homem a utiliza e transformá-a em uma possível cultural. O entendimento de cultura para os antropólogos é, tudo aquilo que o homem consegue produzir ao construir sua existência, como por exemplo, as práticas, as teorias, os valores materiais entre outros.

Portanto, é pelo trabalho que o homem consegue construir sua própria história, sendo que o “trabalho que ultrapassa a mera atividade instintiva é assim a força que criou a espécie humana e a força pela qual a humanidade criou o mundo como o conhecemos” (BRAVERMAN, 1977: 53).

Aranha e Martins (1993), afirmam que o processo de construção da humanidade se faz pela relação entre os homens, e a sua consciência emerge lentamente através dos conflitos entre essas relações. Então, sobre cai ao homem a responsabilidade de manter viva a dialética através de suas contradições, sendo que, o ser humano, ao mesmo tempo em que é um ser social, também possui uma individualidade, que é fundamental para distingui-lo dos demais. “Portanto, a sociedade é a condição da alienação e da liberdade, é a condição para que o homem se perca, mas também de se encontrar” (ARANHA; MARTINS, 1993: 07).

### **1.3 - Da divisão do trabalho e trabalho alienado**

A transição do período do feudalismo para o capitalismo foi marcada pelo nascimento das fábricas, onde ocorria uma acumulação de capital que permitia comprar matéria-prima e máquinas para ampliar o seu mercado. Os artesãos, vendo o forte crescimento das fábricas e, percebendo que era impossível competir contra elas, tiveram que vender a sua força de trabalho em troca de um salário e se adequar a divisão de trabalho que estabelecia ritmo e horário (ARANHA; MARTINS, 1993).

Ainda em relação ao trabalho como meio de subsistência para a sobrevivência do ser humano, Dantas (1986), afirma que, num determinado período, esta concepção passou a ser alheia ao trabalhador. Como a divisão do trabalho estava no início de seu desenvolvimento, o trabalho era organizado e entendido como familiar, onde todos os adultos tinham sua participação, inclusive aos idosos, onde cabia a responsabilidade de distribuir as funções. Os materiais para a realização do trabalho, além de serem poucos, eram rudimentares, mas suficientes para conseguir produtos para suprir as necessidades de todos. Ainda citando Dantas (1986), seus estudos apresenta ter um entendimento da divisão do trabalho a partir do período feudal, onde houve um acirramento da separação entre campo e cidade, que foi crucial para o desenvolvimento daquele fenômeno no seu formato moderno. No campo, o

trabalho tem como característica a servidão e era realizado na terra, sendo esta propriedade do senhor. Os servos eram responsáveis pela produção de meios materiais para si e para os senhores. Já na cidade, a divisão do trabalho se dava dentro das pequenas oficinas, onde o artesão, que era dono dos seus meios de produção, e sua família seus auxiliares, que com suas habilidades, determinavam um produto final.

De acordo com Catani (1984: 20), “a divisão social do trabalho é outra condição prévia característica de uma sociedade capitalista”, pois, nessa sociedade todos realizam seus trabalhos de formas específicas e particulares, contudo, “todos dependem uns dos outros e isto decorre na divisão do trabalho no seio da produção mercantil” (CATANI, 1984: 20).

Marx (1996) explica que a divisão do trabalho na forma de cooperação começa a ser desenvolvido na manufatura predominantemente, porque o processo de produção capitalista se estende do século XVI até o século XVIII. Ou seja, diversos trabalhadores com ofícios diferentes uns dos outros, reunidos em uma oficina para produzir um produto, sendo que, este passe por ambas as mãos até o seu acabamento final. O trabalho é realizado em colaboração uns com os outros.

Braverman (1980) nos esclarece que a divisão do trabalho que ocorre na oficina é diferente do trabalho desenvolvido no interior da sociedade, afirmando que:

A divisão do trabalho na sociedade é característica de todas as sociedades conhecidas; a divisão do trabalho na oficina é produto peculiar da sociedade capitalista. A divisão social do trabalho divide a sociedade entre ocupações, cada qual apropriada a certo ramo de produção; a divisão pormenorizada do trabalho destrói ocupações consideradas neste sentido, e torna o trabalhador inapto a acompanhar qualquer processo completo de produção. [...]. Ainda no capitalismo, os produtos da divisão social do trabalho são trocados como mercadorias, enquanto os resultados da operação do trabalhador parcelado não são trocados dentro da fábrica como o mercado, mas são todos possuídos pelo mesmo capital. Enquanto a divisão social do trabalho subdivide a sociedade, a divisão parcelada do trabalho subdivide o homem, e enquanto a subdivisão da sociedade pode fortalecer o indivíduo e a espécie, a subdivisão do indivíduo, quando efetuada com menosprezo das capacidades e necessidades humanas, é um crime contra a pessoa e contra a humanidade (BRAVERMAN, 1980: 72).

Já Marx (1964), afirma que a divisão do trabalho é algo que possui um caráter social quando alienado. Portanto:

A divisão do trabalho é a expressão econômica do caráter social do trabalho no interior da alienação. Ou então, uma vez que o trabalho constitui apenas uma expressão da atividade humana no seio da alienação, da manifestação da vida enquanto alienação da vida, a divisão do trabalho não passa do estabelecimento alienado da atividade humana como uma atividade genérica real ou como a atividade do homem enquanto ser genérico (MARX, 1964: 220).

Carosi (1963) afirma que o trabalho humano pode ser físico como intelectual. Mas o trabalho intelectual e moral passa a ser mais nobre do que o trabalho material por consequência da divisão social do trabalho, que valoriza o trabalho intelectual diante do braçal.

O desenvolvimento do trabalho passa a ser realizado de tal forma que, os trabalhadores executam suas tarefas de forma parcelada, alguns especializam no trabalho intelectual e, outros, no braçal. Portanto, essa execução sobre a tarefa contribui para o aumento da produtividade favorecendo o capitalismo. O trabalhador não cria, não pensa, só executa, ou seja, não conhece a totalidade de seu trabalho.

A divisão social do trabalho é caracterizada pela separação do trabalho intelectual e trabalho manual (braçal). Aqui surge o que Marx denomina de trabalho alienado. De acordo com Chauí (2001), a relação do trabalho do homem com a natureza não é somente a transformação das coisas humanizadas e culturais, mas sim:

O que interessa é a divisão social de trabalho e, portanto, a relação entre os próprios homens através do trabalho dividido. Essa divisão começa no trabalho sexual de procriação, prossegue na divisão de tarefas no interior da família, continua como divisão entre pastoreio e agricultor e entre estes e o comércio, caminha separando proprietários das condições do trabalho e trabalhadores, avança como separação entre cidade e campo e entre trabalho manual e trabalho intelectual. Essas formas de divisão social do trabalho, ao mesmo tempo que determinam a divisão entre proprietários e não-proprietários, entre trabalhadores e pensadores, determinam a formação das classes sociais e, finalmente, a separação entre sociedade e política, isto é, instituições sociais e Estado (CHAUI, 2001: 52).

Na realidade, as classes sociais são as maneiras pelas quais os homens constroem suas relações sociais, que são determinadas pelo modo de produção da sua existência, que é separada no trabalho, tendo como objetivo criar instituições que são determinadas por idéias que escondem o real significado de suas relações. Contudo, “as classes sociais são o fazer-se classe dos indivíduos em suas atividades econômicas, políticas e culturais” (CHAUI, 2001: 52).

O conceito de alienado surge quando Marx conserva o termo de alienação de Hegel, mas, criticando-o contra a sua concepção de afirmar que esse estava relacionado ao Espírito, mas sim, aos homens na sua existência. Portanto, o trabalho se torna alienado quando o próprio trabalhador que faz o produto, não reconhece esse produto e nem o seu trabalho (CHAUI, 2001).

Um exemplo é o artesão, que antes de ter que vender sua força de trabalho, ele encontrava, através do seu trabalho, condições para produzir o seu próprio meio de produção, e reconhecendo nesses produtos o seu trabalho. Portanto, as condições de trabalho dentro desta infra-estrutura era um modo de produção e reprodução da vida material.

O trabalho alienado deve ser explicado inicialmente por um fato econômico e contemporâneo, pois, quanto mais riqueza um homem produz e maior for a sua extensão, o trabalhador fica mais pobre e se transforma numa mercadoria barata em relação ao número de bens que consegue produzir. Contudo, este objeto produzido pelo trabalho humano lhe opõe como um ser estranho, não pertencendo ao produtor. Este fenômeno devesse a alienação (MARX, 1964).

De acordo com Marx (1964: 160), “a alienação do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho transforma em objeto, assume uma existência externa, mas que existe independente, fora dele e a ele estranho [...]”. Um objeto é fruto de um produto que se transforma numa coisa física, chamada de objetivação do trabalho. Isto representa a perda e a

servidão do objeto, pois, priva o trabalhador dos objetos mais necessários da vida como os do trabalho.

Chauí (2001) diz que o trabalho alienado ocorre quando o trabalhador não pode reconhecer o produto no valor de seu trabalho, pois este não depende única e, exclusivamente, do trabalhador para suas finalidades reais, mas sim do proprietário que oferece as condições de trabalho.

Por conseguinte Marx (1964), ao expor que a alienação, não só se revela a níveis de resultado, como, por exemplo, a alienação do trabalhador e sua relação com os produtos, mas ao processo de produção da sua atividade. Contudo:

[...], se o produto do trabalho é a alienação, a produção em si tem de ser alienação ativa – a alienação da atividade e a atividade da alienação. Na alienação do objeto do trabalho, resume-se apenas a alienação na própria atividade do trabalho (MARX, 1964: 162).

Portanto, a alienação do trabalho consiste, em primeiro lugar, esclarecer que o trabalho não pertence a natureza humana, ou seja, o trabalho é algo externo ao trabalhador. Paralelo a isso, o homem, durante o trabalho, se sente fora de si, chegando a concluir que o trabalhador só se sente livre quando está longe do trabalho, ou quando realiza as funções animais como: comer, beber e procriar. E finalmente, transparecer ao trabalhador que o trabalho não é seu, mas do outro (MARX, 1964).

A transformação que o trabalho alienado faz na vida genérica do homem é de alienar seu próprio corpo e sua vida humana. E a medida que esta alienação vai se consolidando, os homens passam a se contrapor a si mesmo e com os outros. A partir disso, Marx (1964: 166) afirma que “o homem se encontra alienado da sua vida genérica significa que um homem está alienado dos outros, e que cada um dos outros se encontra igualmente alienado a vida humana”.



Todavia, a alienação do homem faz com que ele se encontre consigo mesmo e se relacione de acordo com o padrão que é determinado pela relação do trabalho alienado, colocando todos em mesma situação de alienação (MARX, 1964).

#### **1.4 - Ideologia**

O conceito de ideologia na perspectiva marxiana passa a ser de mesmo valor da ilusão, falsa consciência e concepção idealista, na qual a realidade aparece invertida e as idéias das classes dominantes são as determinantes na vida real. Este conceito de ideologia implica em ilusões, que tornam a consciência deturpada da realidade (LÖWY, 1998).

Segundo Marx (1983), as ideologias da classe dominante são as idéias dominantes. Portanto, não se pode compreender a ideologia, sem antes tentar entender como ela esta relacionada no contexto atual, levando em consideração a vida social das classes sociais e seus aspectos político, sociais, econômicos e religiosos (LÖWY, 1998).

Para Chauí (2001), a ideologia representa o ocultamento da realidade na qual os homens vivem, ou seja, as condições que eles se encontram nem sempre são frutos de suas escolhas. Estabelecem um modo de sociabilidade através das instituições como a família, o trabalho, instituições religiosas, entre outras. Mas, numa sociedade dividida em classes, levando a exploração e a dominação das outras, faz-se necessário a classe dominante difundir suas idéias para legitimar sua supremacia tanto econômica, política e social. Essas idéias têm como princípio esconder dos homens como suas relações sociais são produzidas e ocultar a exploração econômica e dominação política.

Marx (1983: 182) fala que: “as idéias dominantes não passam de expressão ideal das relações materiais dominantes, consideradas estas como idéias; daí, as relações que fazem de uma classe dominante, portanto as idéias de sua supremacia”. E, por conseguinte afirma que:

O processo de produção da ideologia não se faz ao nível dos indivíduos, mas das classes sociais. Os criadores das visões de mundo, das superestruturas,

são as classes sociais, mas quem as sistematiza [...] são os representantes políticos ou literários da classe: os escritores, os líderes políticos, etc.; são eles que formulam sistematicamente essa visão de mundo, ou ideologia, em função dos interesses da classe (MARX *apud* LÖWY, 1998: 95).

Esse processo ocorre devido a divisão social do trabalho, como visto acima, onde separa homens em proprietários e não-proprietários. Sendo os últimos explorados e dominados a nível econômico e político. Mas, para que isso aconteça de fato, a classe dominante necessita de alguns instrumentos que são o Estado e a ideologia. De modo que, as ideologias da classe dominante sejam as idéias dominantes na sociedade inteira, fazendo com que a classe que domina na infra-estrutura (econômica, social e política) também domine na superestrutura, em plano espiritual das idéias (CHAUI, 2001).

Por fim, a medida que entendemos como esta realidade social funciona, faz-se necessário a transformação das nossas idéias para lutarmos e transformarmos a realidade (LÖWY, 1998).

### **1.5 – Capitalismo e divisão da sociedade em infra-estrutura e superestrutura**

O capitalismo, ao longo da sua história, tem provocado profundas transformações sociais nas grandes massas, levando as pessoas a viverem numa sociedade miserável e opressora, dividida por classes e permeada por injustiças, que impedem que as pessoas tomem consciência da realidade a sua volta.

Então, faz-se necessário, nesse trabalho, estudar a relação da sociedade e do capitalismo, bem como, suas definições para melhor entendermos como se constituiu a estrutura de uma sociedade capitalista, sendo esta capaz de fazer com que milhares de pessoas fiquem reféns e alienadas ao consumo, ao passo de dar mais valor ao ter do que ao ser, e apontando para este fato a constituição de uma sociedade de consumo que contribui para a individualização das pessoas.

O capitalismo e a sociedade se tratam de um assunto instigante que nos leva a estudar como ocorre essa relação estratégica ideal para o triunfo da supremacia das classes dominantes, graças ao controle que exercem sobre a classe trabalhadora que se encontra alienada.

Iniciaremos a nossa análise com a definição de sociedade segundo Marx. De acordo com ele, a estrutura da sociedade separada em níveis determinados como infra-estrutura e superestrutura, representa a forma pela qual a base econômica está relacionada e onde ocorrem as forças produtivas, sendo também representada por duas instâncias que são a jurídico-política e a ideologia. Portanto, podemos perceber que a estruturada da sociedade é representada por uma base econômica chamada de infra-estrutura, sendo que nela elevasse a superestrutura. Mas, os andares superiores desse edifício não se sustentam por si só, por isso se apóiam sobre a base (infra-estrutura) (ALTHUSSER, 1985).

Marx, ao tentar esclarecer suas inquietações sobre a formação da sociedade civil, tomou como objeto de suas investigações as relações jurídicas. Em outras palavras, as formas históricas de estado. Ao longo dessa investigação, o filósofo alemão percebeu que as formas históricas de estado não podem ser explicadas por si mesmas e muito menos podem ser reduzidas a uma simples conquista da evolução do espírito humano. O que Marx conseguiu identificar, contudo, foi que a organização de um determinado padrão de relações jurídicas está sempre condicionado pelo padrão das relações de produção e reprodução da vida material de uma determinada sociedade.

Assim Ianni (1980: 82), citando Marx, diz ser “na produção social da própria existência, que os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade”. Estas relações na produção social determinam as forças produtivas materiais (infra-estrutura) que constituem a estrutura econômica da sociedade.

E é sobre esse alicerce que se eleva a superestrutura, que por sua vez, representa a dimensão jurídica e política da sociedade e, por conseguinte, as formas de consciência sociais. A constatação de que superestrutura nada mais é do que a reprodução simbólica das relações de poder presentes na infra-estrutura, implica no reconhecimento de que “não é a consciência dos homens que determina a realidade, ao contrário, é a realidade social que determina sua consciência” (MARX *apud* IANNI, 1980: 83).

Enfim, compreendendo profundamente os termos de infra-estrutura e superestrutura, veremos que o primeiro sustenta o segundo, e este por sua vez, domina o primeiro. Só que de uma forma ideológica para a sua sustentação no poder.

Vimos, anteriormente, que a sustentação da superestrutura não se dá apenas com as forças produtivas e relações de produção que a base econômica desenvolve, mas sim, pela divisão social do trabalho, onde uma classe economicamente dominante realiza o trabalho intelectual e, cede os meios materiais para garantir a reprodução da força de trabalho.

Nisso, podemos ver que, a garantia da reprodução da força de trabalho vem desde a Idade Média e a partir da Revolução Industrial, onde começou ocorrer a expansão do capitalismo e, junto a ele, o surgimento das máquinas. Os artesãos, não podendo competir contra o forte crescimento das máquinas e das fábricas, tiveram que vender sua própria força de trabalho, pois os seus meios de produção já não eram mais sustentáveis. Visto separado de seu meio de produção, a alternativa encontrada pela classe trabalhadora foi depender da classe dos proprietários e dos seus meios de produção (CATANI, 1984).

Esta teoria sobre as estruturas da sociedade de infra e superestrutura desenvolve a idéia de construção civil que:

Se constrói primeiro e o que vem por acréscimo, o que sustenta e o que é sustentado, o que se apóia e o que serve de base. Com isso, entendida como metáfora, a teoria da infra e da superestrutura reduz o Estado às relações mecânicas entre a infra-estrutura e a superestrutura de uma construção civil (ALBURQUERQUE *apud* ALTHUSSER, 1985: 20).

Então, esta metáfora de construção civil tem como primeiro objetivo a representação da base econômica e, em seguida, os andares da superestrutura, que são determinados pela eficácia da base, ou seja, é a base que determina a construção do edifício e seus andares superiores (ALTHUSSER, 1985).

Portanto, estamos vivendo numa sociedade capitalista dividida por classes e cheia de ideologias dominantes para controlar e alienar a classe trabalhadora.

Hoje, podemos constatar que a acumulação de capital ocorre através da exploração da força de trabalho, o que ocorria antigamente também. Conforme afirma Catani (1984), o capitalismo:

Significa não apenas um sistema de produção de mercadoria, como também um determinado sistema no qual a força de trabalho se transforma em mercadoria e se coloca no mercado como qualquer objeto de troca.

Para que exista Capitalismo faz-se necessário a concentração da propriedade dos meios de produção em mãos de uma classe social e a presença de uma outra classe para a qual a venda da força de trabalho seja a única fonte de subsistência (CATANI, 1984: 08).

Ou seja, com o texto citado acima, podemos compreender que está muito bem definido que para obter capital é necessário ter concentrado um sistema onde os meios de produção refletem na sociedade a divisão de duas classes, de tal modo que, uma representa a burguesia e detêm os meios de produção e a outra, a classe trabalhadora que vende sua força de trabalho para conseguir adquirir os mínimos bens necessários para sua sobrevivência, entre eles roupas, alimentação, casa, educação, saúde etc.

Enfim, fazendo uma síntese sobre os conceitos fundamentais do pensamento marxiano, vimos que, o trabalho humano é a soma do trabalho intelectual e trabalho braçal, sendo que, este resultado é a construção de objetos culturais essenciais para a vida humana e, a divisão social do trabalho ocorre devido o aumento da complexidade da organização das relações sociais, que acaba provocando a dissociação do trabalho humano nas duas dimensões citadas acima. E essa divisão social, reflete na infra-estrutura, onde acontece a reunião dos meios de produção e reprodução da vida material, dividindo as classes em economicamente

dominante (para quem realiza o trabalho intelectual) e, a classe economicamente dominada (para quem realiza o trabalho braçal). Dessa base econômica, elevasse uma superestrutura, onde a classe que domina na base material, é a classe que detém os meios de produção e reprodução da vida espiritual/ das idéias na superestrutura. Esta classe utiliza esses meios para reproduzir as ideologias responsáveis por mascarar as relações de dominação e exploração que ocorre na infra-estrutura.

Contudo, o esporte é utilizado pela superestrutura como uma ideologia dominante, capaz de ocultar o processo de desenvolvimento das relações sociais, fazendo com que as pessoas permaneçam alienadas e dominadas, das questões políticas, econômicas e sociais. E, é dentro dessa lógica, que abordaremos o esporte no próximo capítulo, dando destaque para sua instrumentalização político-ideológico e, para sua estrutura que se assemelha as exigências de reprodução das forças produtivas capitalistas.

## 2 – Esporte e Capitalismo: duas faces da mesma moeda

*“Crítico só pode ser o sujeito amoroso, ou seja, aquele que está em condições de perceber afetivamente o drama do mundo”*

Carlos Rodrigues Brandão

Nesse capítulo, abordaremos a relação do esporte com o capitalismo, levando em consideração que o último é um modo de produção de mercadorias, pelos quais os meios de produção são apropriados, e o esporte, dentro desse sistema capitalista, reflete na realidade, as expectativas e comportamentos típicos de um modo de produção determinado, além de assumir os valores do capitalismo na busca do lucro e rendimento a qualquer custo.

Também iremos sumariar como o esporte pode ser considerado um instrumento ideológico, através do qual são difundidos e reproduzidos os valores morais defendidos por uma minoria economicamente dominante e o seu uso político para esta constatação.

### 2.1 O esporte moderno e seu uso político

Para Bracht (2005) o esporte é um fenômeno mais expressivo da atualidade e que, direta ou indiretamente, mantém uma relação com milhões de pessoas pelo mundo inteiro. O esporte expandiu-se tão rapidamente que se transformou numa hegemonia da cultura corporal de movimento.

Segundo as considerações de Rubio (2002a), o esporte é um dos principais fenômenos socioculturais e, é capaz de refletir na sua própria estrutura a forma pela qual a sociedade vem se desenvolvendo e se organizando.

O esporte moderno surge e assume sua característica competitiva em meados do século XVIII, no âmbito da cultura européia, através de um processo de esportivização das atividades corporais das classes populares inglesas e da cultura da nobreza. Até o final desse século, somente a aristocracia praticava esportes, mas com a ascensão da burguesia o esporte se tornou uma atividade comum a outras camadas das classes sociais. As atividades da cultura

corporal das classes populares inglesas, representadas, na sua maior parte pelos jogos com bola, tiveram inúmeras vezes, sua prática perseguida e reprimida pelo poder público. Mas, foi nas escolas públicas que os jogos adquiriram um fôlego para a sua permanência, pois neste ambiente eles não eram vistos como uma ameaça à propriedade e a ordem pública. É na escola pública que os jogos vão aos poucos assumindo a característica do esporte moderno (BRACHT, 2005; VALLE, 2003).

O esporte, dentro dessa cultura européia, foi se desenvolvendo até assumir características básicas como a competição, rendimento físico e técnico, recorde, racionalização e cientificização do treinamento. Contudo, estas características do fenômeno esportivo contribuíram para que a cultural corporal de movimento se tornasse mais esportivizada (BRACHT, 2005).

De acordo com Valle (2003), o esporte desenvolveu e se expandiu durante o processo de modernização ocorrido nos séculos XIX e XX. Dentre as principais características desse processo, destacamos a acentuada racionalização e secularização dos costumes, a intensa industrialização e o grande impacto da aplicação das tecnologias, com particular impacto nas áreas do transporte e da comunicação em massa. Foi nesse contexto que, noções como a de rendimento e a de competição começaram a ser introduzidas no esporte. Também foi nessa ocasião que o esporte saiu da Inglaterra, ele se estruturou, e passou a ganhar todo o continente europeu durante o século XIX, atingindo sua hegemonia no mundo inteiro no século XX.

Atualmente, inúmeros têm sido os conceitos que o esporte vem adquirindo para diferenciar sua prática, como por exemplo: esporte de alto rendimento ou esporte educativo. No Brasil, o conceito de esporte é representado por três manifestações, sendo elas: 1) esporte-performance: podemos dizer que é o esporte de alto rendimento, pois visa a competição, o lucro e o rendimento propriamente dito, 2) esporte-participação: onde entra a questão do



lazer, divertimento entre outros e 3) esporte-educação: vinculado ao esporte escolar e universitário (BRACHT, 2005).

O esporte de alto rendimento pode ter o seu sistema constituído da seguinte forma:

- a) possui um aparato para a procura de talentos normalmente financiado pelo Estado [...];
- b) possui um pequeno número de atletas que tem o esporte como principal ocupação;
- c) possui uma massa consumidora que financia parte do esporte-espetáculo;
- d) os meios de comunicação de massa são co-organizadores do esporte espetáculo;
- e) possui um sistema de gratificação que varia em função do sistema político-societal (DIGEL, 1986 *apud* BRACHT, 2005: 17).

Desta forma, podemos perceber que o esporte de alto rendimento está ligado às questões que vão desde a detecção de talentos, até questões políticas, passando por um processo de massificação por meios de comunicação, tratando o esporte como mercadoria.

Esta forma de mercadoria pela qual o esporte de alto rendimento é transformado, nada mais é do que características dos setores produtivos e dos serviços capitalistas que visam obter fins lucrativos, igual às leis do mercado (BRACHT, 2005). Esta última forma pela qual o esporte é transformado veremos com mais aprofundamento no terceiro capítulo como ocorre essa mercantilização.

Até meados da década de 60, as teorias sobre o esporte não destacavam a dimensão política do esporte. Mas esta situação mudou drasticamente na década de 70, quando a crítica sócio-filosófica do esporte começa a ser manifestada pelo movimento estudantil europeu, sendo a base dessa crítica o neomarxismo. Este movimento é conhecido como Teoria Crítica dos frankfurtianos, da Escola de Frankfurt (BRACHT, 2005).

Segundo Vaz (2005) a Teoria Crítica do Esporte surge e se desenvolve num contexto histórico divididos em dois momentos. O primeiro momento está relacionado com os Jogos Olímpicos de Berlim, realizado no ano de 1936, quando três anos antes da sua realização, Adolf Hitler assume o poder como Chanceler do Reich, em 1933 e, defende o ideal da supremacia da raça ariana. E num segundo momento, nos anos sessenta do século passado, os

frankfurtianos passam a ter uma popularidade para além dos limites da academia, com a Teoria Crítica do Esporte. Esta teoria estuda o esporte como o principal fator da análise e reflexão da crítica da cultura e da economia política.

Já no Brasil, as idéias da Teoria Crítica em relação ao esporte chegam num período onde a resistência ditatorial persistia ao final dos governos militares. E chega com um discurso de renovação, para tentar superar o ensino tecnicista pedagógico e, por volta dos anos setenta e oitenta, encontrou na academia uma área do conhecimento para o seu desenvolvimento crítico, a Educação Física (VAZ, 2005).

Algumas das teses da Escola de Frankfurt sobre a crítica do esporte, pressupõem que:

- a) a tese da coisificação ou alienação: Pressupõem que tanto a sociedade como os homens não são o que são determinados pela sua natureza e possibilidades. É um retrato das sociedades industriais e do mundo do trabalho que transforma as relações sociais a partir de sua racionalidade técnica e da razão instrumental e,
- b) a tese de repressão e manipulação: Pressupõem que o sistema de dominação, repressão e exploração, ocorrem quando uma sociedade moderna está altamente desenvolvida tecnológica e industrializada (BRACHT, 2005).

Além das contribuições da Teoria Crítica do Esporte sobre as teses de alienação e manipulação, o esporte passou por vários momentos históricos e teve suas funções ligadas a interesses políticos das instituições sociais e do Estado. Desde a Antiguidade, podemos observar que suas funções estavam vinculadas as instituições militares, educacionais e religiosas. Na Grécia Antiga, a prática esportiva contribuía para a formação do homem grego, e era desenvolvida nas escolas para formar jovens militares (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004).

É importante lembrar que o esporte na Antiguidade exercia um papel importante na sociedade grega, podendo ser destacado dois aspectos: 1) o esporte, representado pelos Jogos

Olímpicos tinha o poder de interromper as guerras entre as cidades gregas para a sua realização e 2) o esporte considerado como um dos três pilares da educação ao lado da letras e música, sendo fundamental na formação do homem grego (RUBIO, 2002a).

Durante o Império Romano, onde ocorreram muitas conquistas territoriais e expansão externa, a República não mencionava na época uma política social interna, levando a população a se rebelar. Mas, para conter esta ira do povo, os imperadores decidiram por em prática a “Política do Pão e Circo”. Ou seja, esta política fazia com que os jogos públicos tivessem suas realizações por um período mais prolongado, chegando ao número de 175 dias, cerca de 5 meses e meio, e sendo oferecidas cotas de pães à população, alienando-a das ações políticas do Império (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004).

Segundo os autores, no final do século XIX, começa a surgir as ligas e os campeonatos e, em contra partida, levando um aumento de espectadores esportivos que enche os estádios nos finais de semana para assistir os jogos das equipes de suas respectivas fábricas, passando, o esporte, a ser utilizado como alienação dos trabalhadores. Nesse período, as fábricas chegaram a formar várias equipes que tinham como principais jogadores seus funcionários. Os jogos entre as empresas representavam o ideal de fidelidade que o trabalhador deveria ter perante sua empresa.

Sobre o interesse das nações em relação ao esporte, os autores, afirmam que:

Os Estados passaram a usufruir os valores do Esporte em benefício próprio na disputa de prestígio internacional para seus respectivos regimes políticos. Desde então, os Jogos Olímpicos não representam apenas a confraternização entre os povos ou a busca de um melhor desenvolvimento humano, mas também a disputa de interesses políticos e econômicos de Estado e corporações (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004: 115).

Como já citamos anteriormente neste capítulo, a Olimpíada realizada em Berlim, no ano de 1936, é outro momento histórico que podemos perceber o uso político do esporte. Nessa época a Alemanha era governada pelo nazismo de extrema direita, que teve seu

surgimento logo após a primeira guerra mundial. Seu líder supremo e totalitário era Adolf Hitler.

Esses Jogos tinham como objetivo “exaltar a honra do povo alemão, abalado pelas imposições humilhantes do tratado de Versailles” (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004: 116). O tratado de Versailles implicou aos alemães a responsabilidade pelo conflito da primeira guerra mundial e custou a eles pagar pesadas reparações, que acabou levando a Alemanha a uma grave crise econômica. Contudo, em 1936 “os Jogos acabaram representando os interesses de propaganda do governo totalitário e nazista, e tornando-se um marco de referência da utilização do esporte para fins políticos” (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004: 116).

Conforme os autores citados acima, Adolf Hitler tinha como objetivo divulgar internacionalmente o poder da Alemanha Nazista e de comparar a supremacia da raça ariana no campo atlético. Fazendo uma síntese sobre o uso político do esporte podemos ver que:

A instrumentalização [política] do esporte seguiu uma tendência paralela ao desenvolvimento histórico da sociedade mundial. Foi utilizado pela burguesia como elemento disciplinar, higienista e alienador no berço da Revolução Industrial, procedimento do capitalismo. Foi usado como ferramenta de propaganda dos Estados, inflamando valores nacionalistas e até raciais, como o caso da Alemanha nazista. Também serviu de instrumento de intimidação política, estratégica e ideológica durante a Guerra Fria [...]. Finalmente foi incorporado ao mercado mundial seguindo as tendências neoliberais da globalização (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004: 119, grifos nossos).

Podemos ver que as transformações que a sociedade sofre acabam influenciando, diretamente, o âmbito esportivo, tornando-o susceptível as mudanças da sociedade.

## **2.2 - O esporte como instrumento ideológico do Estado**

O esporte pode ser considerado um aparelho ideológico do Estado? Para respondermos a esta pergunta, antes, é necessário conhecermos a sua natureza e o lugar onde se cria as relações sociais da prática esportiva. Pois, o sistema esportivo está baseado na forma

ideológica de competição, princípio este determinante na sociedade capitalista e também determinante da natureza humana que vive nesse tipo de sociedade. Contudo, a crítica que Brohm constrói em torno da superestrutura ideológica do esporte num contexto de sociedade burguesa, e governos fascistas, serve também como crítica ao esporte que é praticado e desenvolvido em países socialistas, pois o esporte socialista prega a mesma ideologia do esporte capitalista, que são voltados para o rendimento e a competitividade. Sendo que “as sociedades chamadas socialistas são sociedades capitalista de Estados totalitários, nas quais a superestrutura política é basicamente a mesma” (PRONI, 2002: 55).

A relação do esporte com o Estado significa, antes de tudo, para Bracht (2005), compreender como se dá a relação do Estado com a sociedade civil de uma determinada sociedade, ou seja, numa sociedade que assumiu valores do sistema capitalista, o Estado tem o interesse de transformar o esporte num instrumento ideológico do Estado para garantir a reprodução do capital.

O esporte, também, foi utilizado como arma ideológica durante a guerra fria que envolveu duas grandes potências mundiais, os Estados Unidos e a União Soviética. Este conflito começa logo após a segunda guerra mundial e, se estendeu até a segunda metade do século XX. Dentro desse contexto “o esporte foi usado como instrumento ideológico e de propaganda por ocasião de competições internacionais e Jogos Olímpicos [...]” (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004: 117), e também sendo utilizado com arma simbólica durante o conflito, o esporte transformou os campos de competições em verdadeiros campos de batalhas, pois “as vitórias esportivas foram usadas para reafirmar o prestígio político e a soberania de cada regime” (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004: 117).

Ou seja, para mostrar a soberania do país, um dos instrumentos utilizados para isso foi o esporte, pois, quanto melhor fosse seu rendimento esportivo nas competições internacionais,

mais se mostrava que determinada nação era uma potência em diversas áreas, entre elas na militar, na economia, política e na esportiva.

Proni (2002), citando Brohm, faz uma crítica ao esporte moderno, quanto a sua utilização ideológica pelo Estado ostentando o poder privado da supremacia civil, voltada para o ato de manter a ordem estabelecida. Esta ostentação como um todo transmite os valores e hábitos daqueles que estão no poder para toda a sociedade. O Estado não só é visto como um sistema governamental, mas, capaz de envolver em si todos os aparelhos políticos, culturais, econômicos e ideológicos das classes hegemonicamente dominantes. Por conseguinte, colocando as instituições privadas a serviço da reprodução social.

Nesse entendimento Proni (2002), afirma que Brohm segue a sua formação marxista, fazendo uma comparação da mercantilização do esporte com a lógica de organização capitalista da sociedade, e ao mesmo tempo, recorrendo a definição de ideologia de Althusser para ponderar sobre o uso do esporte como aparelho ideológico do Estado.

O sistema esportivo é analisado por Brohm sob o conceito de “processo de produção esportivo”, o qual se insere em um sistema de produção dado (capitalista) produzindo “mercadorias” muito particulares: campeões, espetáculos, recordes, competições. Ao mesmo tempo, o esporte é estudado como uma instituição social original, ou melhor, “a instituição da competição física que reflete estritamente a concorrência econômica e industrial” (PRONI, 2002: 34).

O esporte, além de ser um fenômeno cultural que influencia a cultura corporal de movimento, torna-se uma expressão hegemônica de interesse do Estado para garantir a reprodução social através da ideologia do esporte.

Segundo Bracht (2005), ao falar sobre o conceito de hegemonia, definida na perspectiva de Gramsci, a vê como uma cultura numa sociedade dividida por classes, ou seja, o conceito de hegemonia esta acima dos conceitos de cultura e de ideologia, que desenvolve um processo de dominação e valores da classe dominante, através das práticas sociais dominantes. Por conseguinte, “o conceito de hegemonia permite, portanto entender o esporte

não só como elemento de dominação, mas, também, como resistência cultural ou resistência política” (BRACHT, 2005: 63).

Para responder uma de nossas problemática ao perguntar se o esporte é utilizado como um aparelho ideológico/político, Althusser sendo citado por Proni (2002), nos da as seguintes características funcionais:

- a) dissimular e encobrir as relações de produção, gerando uma falsa consciência das relações sociais;
- b) justificar e fazer uma apologia da situação social existente;
- c) ajudar a manter a ordem, por meio de um conjunto coerente de representações, valores e crenças, atuando no plano imaginário;
- d) potencializar as forças produtivas e a reprodução do sistema de reprodução;
- e) e estruturar e alimentar a visão de mundo cotidiano das massas (ALTHUSSER *apud* PRONI, 2002: 54).

Segundo Proni (2002), o esporte não só assume todas as funções ideológicas visto acima, mas também, acaba fornecendo um modelo de comportamento social que serve para comparar os rendimentos físicos e aumentar a sua competitividade a qualquer custo. Assim, pode-se pensar que a ideologia esportiva é “uma capa superestrutural importante de modo de produção capitalista monopolista de Estado” (BROHM *apud* PRONI, 2002: 54).

Assim como Vaz (2005), afirma sobre a função ideológica do esporte, que esta sintetizada da seguinte maneira de acordo com Brohm, é:

1. um aparelho ideológico do Estado que cumpre um triplo papel: reproduz ideologicamente as relações sociais burguesas, tais como hierarquia, subserviência, obediência, etc.; segundo lugar ele propaga uma ideologia organizacional específica para a instituição esportiva, envolvendo competição, recordes e outputs; em terceiro lugar ele transmite, em larga escala, o individualismo, ascensão social, sucesso, eficiência, etc.
2. uma cristalização ideológica da competição permanente, que é representada como “preparação para as asperezas da vida”.
3. é uma ideologia baseada no mito do progresso infinito e linear, como se expressa na curva dos recordes.
4. Finalmente, o esporte é a ideologia do corpo-máquina – o corpo torna-se robô, alienado pelo trabalho capitalista. O esporte baseia-se na fantasia do ser “fit”, do corpo produtivo (BROHM *apud* VAZ, 2005: 10).

Para tentarmos resumir algumas características que fazem do esporte de alto rendimento um elemento importante aos olhos do Estado, é que a sua organização é um

conjunto de atividades que contém regras fáceis de entender, ao contrário das regras da política, que são muito complexas. O esporte possibilita também uma identificação no nível de coletividade, uma compensação para o trabalho, sucesso e prestígio a nível nacional, entre outros vários motivos (BRACHT, 2005).

Embora a introdução da lógica capitalista e da ideologia no sistema esportivo seja a de difundir o ideal burguês de democracia, há uma contradição entre a finalidade do sistema e do seu modo de funcionamento, pois, enquanto um dos pólos visa a superação de recordes e, o outro, o exercício da cidadania. E por outro lado, a ideologia olímpica que prega a igualdade e a fraternidade não é exercida pela contradição que existe entre o discurso e a prática dentro dessa lógica da organização esportiva (PRONI, 2002).

### **2.3 – O esporte e sua estrutura capitalista**

Iniciaremos nossa abordagem de acordo com Proni (2002), ao dizer que Brohm preocupa-se com a organização capitalista que o esporte vem se estruturando e, para isso, levanta algumas reflexões sobre as dimensões sociopolíticas do esporte, de forma que questionam os valores esportivos associados a desvios ideológicos que reflete em seu ambiente, pois, o mundo todo está organizado em torno do capitalismo industrial que se preocupa com o máximo rendimento, com a divisão do trabalho, com o movimento corporal mecanizado, e utilizando o esporte como aparelho ideológico do Estado, transformando-o em espetáculo para fazer com que as massas se distraiam e não tenham uma participação crítica na política.

Já Bracht (2005), começa sua crítica sobre a sociedade dominante pela sua formação social capitalista tardia, e o esporte, dentro dessa realidade, serve como um elemento para desviar a atenção dos conflitos sociais e políticos, e amenizar as mesmas tensões sociais, fazendo com que as pessoas se conformem com suas condições de vida não suportável. Outra



crítica é a função ideológica do esporte que prega a oportunidade e igualdade de chances dentro de sua prática. Esta possibilidade de igualdade dentro da estrutura esportiva transmite a idéia de entendimento de uma sociedade que também proporciona essas oportunidades. Contudo, tal idéia é a negação dos princípios da sociedade capitalista que estamos vivendo. Então, faz necessário o esporte como conteúdo ideológico veicular um desinteresse político nas pessoas, impedindo-as de formar uma consciência crítica e, posteriormente, uma participação política. Assim a prática esportiva nessa conjuntura, reproduz as idéias do sistema capitalista de comportamento competitivo e de rendimento.

Assim como afirma Proni (2002), Brohm propõem em seu livro “Sociologia Política do Esporte”, um estudo de sociologia geral do esporte que se preocupa entender como a estrutura de funcionamento do sistema esportivo se desenvolve histórico e contraditoriamente, tendo como base na fundamentação da teoria de Marx, e estudando o esporte na sua totalidade e complexidade, cuja evolução está relacionada à contradições de sua própria natureza. Essa contradição pode ser compreendida no “caráter político das instituições e à desfiguração ética esportiva” (PRONI, 2002: 36).

Este conceito de processo de produção esportiva visa dar uma reciprocidade da análise estrutural, e integrá-la dentro dos sistemas socioeconômicos, da relação de produção e político de formação. “Como dissemos, a especificidade do processo de produção esportivo esta na finalidade das entidades esportivas: produzir campeões, em quantidade e qualidade, para o mercado ou para a olimpismo” (PRONI, 2002: 35).

Um dos objetivos da sociologia política do esporte é buscar entender as razões pelas quais as formações sociais, sejam elas evoluídas ou em desenvolvimento, adotaram os modelos semelhantes da superestrutura esportiva que buscam a formação e produção de campeões e o máximo de rendimento.

De acordo com Proni (2002), o esporte acaba reproduzindo o modelo de sociedade capitalista no âmbito da organização da superestrutura ideológica por apresentar na sua estrutura elementos idênticos da sociedade industrial como “a) princípio de rendimento, b) sistema de hierarquização, c) princípio de organização burocrática, e d) princípio de publicidade e transparência” (PRONI, 2002: 41). Nesses moldes, o esporte moderno direciona o seu espetáculo de rendimento produtivo e competitivo a existência de uma sociedade do espetáculo.

Antes de entendermos como funciona a lógica capitalista de organização do sistema esportivo, temos que levar em consideração que o sistema esportivo é uma instituição social, na qual todos os níveis econômicos, políticos, ideológicos, culturais etc., se cruzam. E, como o esporte é constituído de varias vertentes, na qual determina a instância de sua dominação como, por exemplo: no esporte de alto rendimento ou profissional a instância predominante é a economia; no esporte militar, está presente a instância política, na vertente do esporte olímpico, a ideologia; e no esporte escolar e universitário, a pedagogia (PRONI 2002).

Nessa sociedade capitalista e competitiva que vivemos, atualmente, os valores de determinação, superação de limites, capacitação e organização, são transmitidos a todo momento para que as pessoas se dediquem mais e mais no mercado de trabalho. E o discurso esportivo, envolve na sua cultura, todos esses valores para alcançar uma boa performance, dessa forma, “tornando-se mais um atrativo para que o sujeito se prepare para a vida e o mercado de trabalho competitivo que vivemos atualmente” (VALLE, 2003: 10).

Esses valores são vistos pela a autora como um discurso da sociedade contemporânea que:

[...] preconiza atitudes como a determinação, o esforço contínuo, a busca de limites que se coadunam perfeitamente com os ideais do esporte, permitindo que esses jovens sintam, através de sua prática, que estão preparando-se para sua vida futura e para o mercado de trabalho (VALLE, 2003: 20).

Através do esporte, os princípios da sociedade capitalista são transmitidos na sua maior parte para o público jovem, que são os maiores consumidores das mercadorias e das idéias que estão vinculados no esporte.

Assim, a estrutura do esporte é determinada de acordo com os princípios da sociedade capitalista mercantil, que transforma a categoria esportiva especialista na produção da divisão social do trabalho, buscando o máximo rendimento para atingir o recorde na corrida contra o relógio, fazendo do espetáculo-esportivo uma mercadoria e medindo a produtividade do esporte de acordo com o número de atletas, com níveis internacionais e, através dos números de medalhas conquistadas em eventos importantes, como os Jogos Panamericanos, Mundiais e Olimpíadas (PRONI, 2002).

Mas, para alcançar esse rendimento a níveis internacionais é preciso ter a natureza do corpo sob controle. Vaz (1999), afirma sobre o entendimento da natureza, que o nosso corpo é visto como algo perigoso, e que precisa ser dominado e domesticado para se tornar menos ofensivo a civilização. O corpo há de se tornar um objeto manipulado pelo desenvolvimento das técnicas que intervém nesse domínio.

Dentro desse desenvolvimento de técnicas e discurso que são legitimadores ao controle do corpo, o esporte é uma das formas mais importante para essa dominação e domesticação do corpo. Conforme diz Vaz (1999: 92), “o esporte parece de fato ter sido, e ainda ser, um forte vetor a potencializar o domínio do corpo”.

E, no contexto de uma sociedade industrial e capitalista, o princípio de rendimento e dominação do corpo faz com que o homem realize o trabalho alienado para atingir um determinado rendimento. E o esporte, dentro desse contexto, é caracterizado como:

- a) um sistema de ação coisificado e em conformidade com o trabalho;
- b) como um instrumento de repressão das necessidades;
- c) como um fenômeno de manipulação e adaptação, sendo que tal adaptação dar-se-ia, por sua vez, pelas funções de compensação, socialização e integração cumpridas pelo esporte (BRACHT, 2005: 29).

E, para ilustrar melhor esta realidade da prática esportiva, que reproduz os ideais do sistema capitalista, recorreremos a Rigauer *apud* Bracht (2005), que desenvolve uma relação entre o esporte de rendimento e o trabalho alienado para o entendimento de como os aspectos dominantes da sociedade capitalista industrial como a disciplina, autoridade, rendimento, concorrência, entre outros, que são embutidos no esporte. Esses aspectos são mostrados da seguinte forma:

- a) paralelismo entre as medidas de racionalização nos sistemas de ação do esporte de rendimento e do trabalho;
- b) métodos complexos de trabalho e treinamento;
- c) a cientifização do trabalho e treinamento esportivo [...];
- d) execução repetitiva e sobrecarga são características tanto do trabalho como do moderno treinamento [esportivo];
- e) caráter de mercadoria de ambos;
- f) métodos analíticos de aprendizagem dos movimentos (RIGAUER *apud* BRACHT, 2005: 33, grifos nossos).

As conseqüências que surgem dessa tese de afinidade entre esporte e trabalho, é a lógica que “se esporte de alto rendimento é trabalho alienado, e trabalho na sociedade capitalista é trabalho alienado, então alienação também é o que acontece no esporte de alto rendimento” (BRACHT, 2005: 34), pois, na tese do marxista ortodoxo, o esporte é um mero instrumento à reprodução da força de trabalho.

Nesta relação entre o esporte e o trabalho, alguns aspectos são importantes, como compreendermos sobre como a hegemonia do esporte se desenvolve ligado à reprodução da força de trabalho, contribuindo para o sistema de produção capitalista. Sobre esse entendimento, alguns autores dizem que o esporte, quando tem sua função relacionada aos meios simples de reprodução da força de trabalho, está ao mesmo tempo reforçando aos trabalhadores as qualidades de disciplina, persistência e superação etc., isto é, transmitindo valores aos trabalhadores para serem submissos ao trabalho capitalista (BRACHT, 2005).

Outra relação entre o esporte e o trabalho é entendida durante o processo de treinamento esportivo. O corpo é visto como um objeto fácil de ser operacionalizado e, ao mesmo tempo, ser comparado a uma máquina. Pois, assim como as máquinas, o corpo deve

ser programado para reproduzir movimentos mecanizados e, caso haja algum defeito no corpo, essas peças podem ser substituídas como são as das máquinas (VAZ, 1999).

Portanto, o atleta sendo considerado como corpo-máquina, assim como determina o capitalismo, está em constante busca do melhor rendimento, e para isso, passa a exercer um controle sobre seu próprio corpo e submetendo-o a diversas técnicas repetitivas para atingir o ápice da performance esportiva. Mas, muitas vezes com medo de não alcançar esse objetivo, acaba sendo induzido a cometer alguns excessos, como o uso de drogas e uma alta sobrecarga de treinamento que podem ocasionar processos sérios de lesões e problemas de saúde, em imposição ao discurso do esporte que são difundidos como legitimadores da união, do companheirismo, do bem-estar entre outros “imperava o desejo de vencer e competir a qualquer custo, mesmo que a despeito da saúde” (VALLE, 2003: 20).

Enfim, até este momento despejamos aqui, um vasto pensamento fundamentado numa teoria filosófica, que visa transformar a realidade revolucionariamente, superando a sociedade capitalista a qual vivemos. E, o esporte por ser um fenômeno sociocultural inserido nela, precisa ser entendido, compreendido e transformado, para que os verdadeiros ideais do esporte sejam preservados.

Buscamos nesse capítulo, estabelecer uma crítica entorno da mesmice presente no esporte e no seu discurso atual, para que seus praticantes, não sejam reféns de um modo de produção determinado pelo sistema capitalista, não sejam vítimas das falsas ilusões de igualdade e oportunidade que são criados tanto pelo esporte, como na sociedade e, nem reproduzem as formas de seleção e exclusão, individualismo e competitividade a qualquer custo, até mesmo a utilização de outros meios que sejam imorais e antiéticos para atingir o sucesso e o rendimento desejado.

Sendo assim, pode-se perceber que, o esporte moderno surge a princípio como privilégio da classe burguesa, como elemento alienador, disciplinador e higienista e, depois

com o surgimento e expansão do capitalismo torna-se mercadoria, sendo este, nosso próximo item a ser discutido no capítulo seguinte, levando em consideração sua transformação em esporte-espetáculo e, a transformação do atleta num novo tipo de trabalhador que vende sua força de trabalho, regulado por leis de oferta e mercado.

### 3 – O Processo de Mercantilização do Esporte

*“Enquanto eles capitalizam as imagens. Eu socializo meus sonhos”*  
Sérgio Vaz

Neste último capítulo, iremos abordar como ocorre o processo de mercantilização do esporte, levando em consideração sua transformação em espetáculo e, qual sua influência dentro de uma sociedade de consumo, uma vez que, o esporte, caracterizado como uma economia de mercado atrai milhões de pessoas pelo mundo inteiro que se tornam consumidores de seus subprodutos. Nesse sentido, a indústria cultural capitalista transforma as práticas esportivas num modo de produção em espetáculo para o consumo.

Dentro desse contexto os atletas passam a vender sua força de trabalho e esperam receber um valor equivalente pela sua produção. Enquanto que, a sociedade de consumo relacionada ao lucro, determina as modas e criam falsas ilusões em seus consumidores.

#### 3.1 – Esporte-espetáculo e Sociedade

Podemos de fato observar ao longo da história a evolução que o esporte vêm assumindo, e que de certa forma, sintetizamos neste trabalho, mas lembrando que a história do esporte não é objetivo principal deste estudo. Contudo, é de extrema importância recorrermos a algumas passagens para transcrevermos que, desde os tempos antigo da Grécia, o esporte, na representação dos Jogos Olímpicos, tinha o poder de interromper as guerras entre as cidades gregas e os atletas recebiam em troca pelo seu desempenho esportivo algumas regalias como, por exemplo, a isenção de impostos. As formas de competição nesta época era única e, exclusivamente, saber quem era o mais rápido, o mais resistente e o mais forte, sem se preocupar com questões de tempo (horas, minutos e segundos) e de distância (metros).

Já nas Olimpíadas modernas, o recorde passa a ser importante e os atletas passam a ter uma melhor orientação em relação aos treinamentos, para que, cada vez mais, consigam diminuir seus próprios recordes para vencer seus adversários, sejam nas quadras, campos ou pistas. Neste período, há um aumento da competitividade entre os países, especificamente, entre os países capitalistas e socialistas. As competições passam a ser mais organizadas e comercializadas ideológica e politicamente pelos governos, e cai sobre os atletas a responsabilidade de representar seu país e o sistema econômico que ele exerce.

Façamos uma ressalva, pois, até a década de 60-70 do século passado, o esporte ainda se encontrava no sistema de amadorismo, tornando-se muito difícil, nessas condições, os atletas ficarem ricos, porque a relação com o dinheiro e o desempenho esportivo não era praticado para preservar os ideais do Olimpismo. Mas com a abolição do amadorismo e com a profissionalização do esporte a partir do século setenta, Rubio (2002a: 140), afirma que, neste contexto, pode “conferir uma nova moral e, portanto, uma nova ética, ao Olimpismo”. Ou seja, a relação do dinheiro com o rendimento esportivo passa a ser de extrema importância e inseparáveis, pois, o esporte torna a ser uma opção de carreira profissional para as crianças e jovens que são habilitados para o esporte (RUBIO, 2002a; 2002b).

Paes (2000: 34) afirma que “o desenvolvimento do esporte profissional tem-se constituído em uma alternativa de mercado de trabalho, tornando-se um fator gerador de emprego”. E, nem por causa disso, o esporte deixa de apresentar seus aspectos positivos. E, tal profissionalização “não desqualifica como esporte e sua legitimidade e dignidade devem ser respeitadas” (PAES, 2000: 34).

Com o processo de modernização mais evoluído no século XX, como a tecnologia, os meios de comunicação e a profissionalização no âmbito esportivo, ocorreu uma modificação na estrutura de competição, transformando-a em espetáculo. Segundo Lovisolo (2000), é quase que impossível ter o atual esporte competitivo desvinculado com o espetáculo-



esportivo, uma vez que, os meios de comunicação elencaram o esporte como conteúdo de *mais-valia* para a sua programação. E mais, tornasse impossível pensar que o espetáculo-esportivo não tem uma estrutura competitiva que envolve disputas entre equipes, indivíduos, propagandas, entre outros.

Para o esporte tornar-se cada vez mais espetáculo, foram modificadas as regras de algumas modalidades, para que as exigências das televisões fossem adotadas, as quais Paes (2000: 34), “destaca três: visualização, promoção de incertezas sobre o resultado e, em algumas modalidades redução do tempo de jogo”. Outro aspecto para esta espetacularização, foram os resultados que passaram a ser mais valorizados e a relação que foi criada entre o protagonista do espetáculo e a figura espetacular do herói, no caso os atletas (RUBIO, 2002b). Pois, o espetáculo competitivo ou esportivo sem a presença do mito, do herói, ele perderia força e seria desinteressante (LOVISOLO, 2000).

Conforme Di Giovanni (2005), tanto o esporte-espetáculo como as práticas corporais nas últimas duas décadas, mostram um crescimento rumo ao campo de investimento econômico. E, este crescimento pode ser atribuído ao seu envolvimento com a *mass media* e com o forte desenvolvimento da indústria cultural, que vem fabricando seus subprodutos numa maior proporção se comparados aos anos anteriores.

Já Pires (2006), afirma que o processo de espetacularização do esporte teve início da adaptação do esporte à linguagem da televisão e da inclusão das publicidades nos uniformes dos atletas. Depois, foi a aprovação das mudanças de regras, redução de tempo de jogo e imprevisibilidades nos resultados de algumas modalidades, para que estas se encaixassem nos horários da programação televisiva. O exemplo de maior sucesso e adaptação das exigências televisivas foi, sem dúvida, o voleibol.

Rodrigues e Montagner (2006) denominam de esporte-espetáculo o esporte de alto rendimento, pois, este é transmitido por vários meios de comunicação, entre eles, a mídia, o

rádio e a internet, reproduzindo sua prática nos campos do esporte educacional e do participativo.

O esporte-espetáculo é a mercadorização do esporte, cujo este tem o poder de influenciar outras práticas esportivas que estão inseridas na sociedade. Este fenômeno, introduzido numa sociedade de consumo, reproduz os ideais desta, de tal forma que, difunde seus sons, imagens e informações para o consumo (RODRIGUES; MONTAGNER, 2006).

Nesse entendimento, os autores afirmam que:

Na perspectiva do esporte espetáculo e sua interação com a sociedade, abordando aspectos como os meios de comunicação e a mercadorização do esporte é possível apontar para um determinado segmento social – crianças e adolescente – e para uma ‘agência’ de fomento esportivo – a escola através da Educação Física – preocupando-se com a lógica do esporte espetáculo: o consumo de bens e entretenimento, conduzidos por conceitos de marketing e administração do esporte, que vêm nas crianças e adolescentes “potenciais consumidores” e a Educação Física escolar que hoje na maioria das vezes funcionam como uma reprodutora desses aspectos, sem desenvolver uma análise crítica sobre esse fenômeno (RODRIGUES; MONTAGNER, 2006: -).

Portanto, o esporte chega num mundo contemporâneo transformado em espetáculo-mercadoria para satisfazer as necessidades de uma sociedade de massa, que está na plenitude do consumo a qualquer custo, onde passa ser importante comprar o máximo de produtos que estão na moda e deixar de lado o que realmente é essencial para a vida humana.

Se olharmos para a moda do ponto de vista histórico, percebemos que ela não é um fenômeno que esteve presente em outras épocas e civilizações. A moda é um fenômeno que está presente no mundo ocidental moderno, sem manter ligações específicas com um determinado objeto. E, é a partir dos grupos aristocráticos que ela começa a expandir-se para toda sociedade moderna (BARBOSA, 2004).

Atualmente, podemos perceber que a moda está relacionada as determinações da indústria cultural, e no entanto, utiliza o esporte para vender suas idéias e adquirir o capital necessário para manter-se sempre inovando os subprodutos dos esportes.

A definição sobre a sociedade de consumo não é muito simples, pois, a inexistência de definições precisas sobre ela, então, carece aos pesquisadores um estudo mais profundo para o entendimento claro das instituições teóricas sobre a sociedade e a cultura de consumo, uma vez que, muitos autores encontram dificuldades nessa pontuação conceitual, pois acabam recusando as características sociológicas e culturais. Outros autores apontam sete temas para o entendimento desse tipo de sociedade que são:

As origens históricas da sociedade de consumo; a identificação entre a sociedade de consumo e o período da produção em massa (mass production); a relação entre consumo de massas e sociedade de consumo; o papel de marketing e propaganda na sociedade de consumo e a questão do controle e da manipulação; o consumo como um fator de estratificação social; a relação entre sociedade de consumo e afluência; e, por fim, a relação entre pós-modernismo e consumo (BARBOSA, 2004: 29).

De acordo com a autora citada acima, a sociedade de consumo, numa visão marxista, está relacionada à ordens de lucro, que é capaz de criar, nos consumidores, falsa ilusão de prazer e satisfação. Por outro lado, existe a “necessidade de criar novos mercados e educar as pessoas para serem consumidores criou mecanismos de sedução e manipulação ideológicas das pessoas através do marketing e da propaganda” (BARBOSA, 2004: 37).

O consumismo do qual estamos falando é a transformação da sociedade de consumo em sociedade de espetáculo, onde as mercadorias são as responsáveis pela individualização das pessoas. É claro que concordamos que os indivíduos são diferentes e, que cada um tem sua individualidade e personalidade, mas o que queremos dizer aqui é que esta individualização não se dá a níveis de características genéticas cujos DNAs são diferentes, mas sim, da individualização para o egoísmo, da inveja, ou seja, o ter é mais importante do que ser.

Com isso, demonstramos que “numa sociedade dominada pela produção e consumo de imagens, nenhuma parte da vida pode continuar imune à invasão do espetáculo nem mesmo o esporte com seus ideais de Olimpismo” (VALLE, 2003: 06).

Nessa sociedade de espetáculo podemos citar algumas de suas dimensões fundamentada em Guy Debord (1931 – 1994), ao expressar que “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculo” (DEBORD, 1997: 13). Por isso o esporte de alto rendimento esta inserido neste contexto, por facilitar a intermediação das relações sociais entre as pessoas, sendo que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens” (DEBORD, 1997: 14).

Portanto, a espetacularização das coisas exerce influência direta na sociedade, inclusive, na sociedade de consumo, onde todo e qualquer fenômeno que surge são modificados pela própria sociedade, como por exemplo, os fenômenos políticos, culturais, sociais, econômicos e outros.

### **3.2 - Mercantilização do Esporte**

Podemos observar que, tanto o fenômeno esportivo, como as práticas corporais, já na segunda metade do século XX e início do século XXI, vêm sofrendo um intenso processo de mercantilização, de tal forma que, sua transformação em esporte-espetáculo, no atual mundo contemporâneo, contempla esta globalização que o esporte vem alcançando no mundo inteiro em busca de investimentos e lucros.

Para o esporte atingir a hegemonia do movimento corporal e das práticas esportivas, descrevemos nos capítulos anteriores que é necessário alienar e domesticar a natureza do corpo humano, através de ideologias, sendo estas, ideologias dominantes para que se torne possível a divisão social do trabalho dentro do esporte, assim como ocorre na sociedade capitalista, alienando seus trabalhadores e os atletas que passam a não reconhecer mais as suas potencialidades naturais de criatividade, passando a reproduzir movimentos mecânicos e

repetitivos. Portanto, a hegemonia do esporte, como sua transformação em mercadoria, faz valer seu valor de troca de rendimento e lucro dentro da organização lógica capitalista.

Neste contexto, o esporte é visto como uma economia capitalista, pois “nos últimos decênios, nas sociedades modernas, tem ocorrido um intenso processo de associação entre o esporte e a atividade econômica [...], tal como a constatação de clubes-empresas, patrocinadores milionários para algumas modalidades esportivas [...]” (DI GIOVANNI, 2005: 165). Mas, os investimentos parecem não ter só atingido os clubes e outras modalidades esportivas, atingiram a maior festa esportiva do mundo, os Jogos Olímpicos da era moderna.

Um “clube” formado por dirigentes magnatas, cujo presidente do Comitê Olímpico Internacional – COI, com apenas uma única eleição, ficou no poder por mais de doze anos e, decidia com seus conselheiros onde seriam realizados os Jogos Olímpicos. E para isso, gastavam rios de dinheiros para comprar votos dos noventas e poucos dirigentes do COI. Este clube, segundo Simson e Jennings (1992: 15), “é uma das sociedades fechadas mais poderosas, lucrativa e secreta do mundo. Por intermédio do Clube, um punhado de ‘presidentes’ nomeados comanda o esporte mundial”.

Isso demonstra que o monopólio das práticas esportivas não está apenas em nível do entretenimento ou da tecnologização, mas sim das confederações, federações e clubes que controlam o esporte, e junto da mídia amplia seu poder de comercialização, alcançando uma maior massa de consumidores, e com a tecnologização tornam possível potencializar ao máximo o desempenho do esporte competitivo, para atrair mais espectadores, investidores e consumidores.

O COI, tendo como presidente Juan Antonio Samaranch, transformou os Jogos Olímpicos numa marca mundial e num bom lugar para quem quisesse ganhar dinheiro com o esporte, pois, as companhias de televisão faziam um investimento muito alto para ter o direito de transmissão dos Jogos (SIMSON; JENNINGS, 1992).

De acordo com os senhores dos anéis, os Jogos Olímpicos que foram realizados em Barcelona, em 1992, houve um investimento por parte das companhias de televisão assombroso, se comparado aos Jogos realizados em Roma em 1960. Os investimentos foram:

Para os Jogos Olímpicos em Barcelona só as companhias de televisão de todo o mundo concordaram em pagar um total de US\$ 663 milhões. A rede norte-americana NBC entrou com US\$ 416 milhões. A União Européia de emissoras US\$ 90 milhões. A NHK lidera um grupo de emissoras de televisão japonesas, bancando US\$ 62,5 milhões. O canal 7 australiano pagou quase US\$ 34 milhões. Mesmo com o caixa baixo, o Leste Europeu contribuiu com US\$ 4 milhões. [...]. Na Olimpíada de Roma, em 1960, a televisão pagou apenas US\$ 1 milhão (SIMSON; JENNINGS, 1992: 23).

Isto prova que o fenômeno esportivo está se tornando a menina dos olhos dos meios de comunicação. Levando em consideração que a mídia televisiva é um aparelho ideológico em função do Estado, que visa capitalizar as imagens e transmitir um pensamento já determinado, contribuindo para o conformismo e alienação das pessoas. Os contratos feitos pelas companhias de televisão, além de garantir sua participação nos eventos esportivos, visa também obter a exclusividade e, até certo monopólio sobre algumas modalidades esportivas. Elas, também, estão em busca de telespectadores para engordar a sua audiência.

A nova forma do esporte no atual mundo contemporâneo encontra-se num beco sem saída, pois, ele está cercado pelos oportunistas que podemos identificar sendo: a mídia, os dirigentes de clubes esportivos e as marcas nacionais e multinacionais. Todos esses oportunistas são capazes de transformá-lo em produto de valor de troca e valor de uso.

Assim, como lembra-nos Catani (1984), todos os produtos na sociedade capitalista precisam ser trocados, ou seja, a troca passa a ser a subsistência das pessoas dentro da sociedade, e o produto, que é o resultado do trabalho humano, torna-se mercadoria. Com isso, afirmamos que cada mercadoria assume uma característica específica de valor de uso. Já o valor de troca corresponde à relação em que os produtos são trocados nas mesmas condições por outros produtos para o valor de uso.

As instituições, chamadas por nós de oportunistas, são instrumentos capazes de mobilizar uma grande massa de pessoas equidistante em toda sua extensão para em torno do esporte mercantilizado, e assim, adquirir mais lucro para sua receita, gerando o capital.

Dentre as três instituições que citamos acima, a mídia é a que exerce maior influência sobre o processo de mercantilização do esporte. “Essa mercadorização envolve duas dimensões: a) mercadorização do espetáculo esportivo e seus subprodutos; b) a mercadorização dos serviços ligados à prática esportiva” (BRACHT, 2005: 111). Ou seja, as marcas, e sejam elas nacionais ou multinacionais que patrocinam as equipes ou os eventos esportivos que vão desde os campeonatos de Várzea aos Jogos Olímpicos, estão ligados diretamente com a mídia.

Um exemplo é a hegemonia do refrigerante Coca-Cola que dominou por um período os Jogos Olímpicos, se tornando a maior e a mais conhecida patrocinadora desse evento. Ela se tornou a bebida mais apreciada em todo o mundo, estabelecendo uma via de mão dupla com o mundo do esporte internacional. Este longo histórico começa nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960. Esteve presente na cidade do México, em 1968 e, não faltou em Munique (1972), em Montreal (1976), em Moscou (1980), mesmo com o boicote da delegação norte-americana nos Jogos na Rússia, em Los Angeles (1984), em Seul (1988) e, em Barcelona, no ano de 1992 (SIMSON; JENNINGS, 1992).

Outra marca que se destacou dentro do maior evento esportivo foi a Adidas que, ao patrocinar a principal modalidade da Olimpíada, considerada a jóia da coroa olímpica, o atletismo, conseguiu construir seu nome no mundo do esporte. Na Olimpíada de Berlim, em 1936, um atleta norte-americano chamado Jessé Owens ganhou fabulosamente quatro medalhas de ouro calçando Adidas, sendo que a maioria dos campeões olímpicos que aparecem em fotografias estão acompanhados dessas três listas nos calçado (SIMSON; JENNINGS, 1992).

Para Bracht (2005: 111), tanto o esporte de alto rendimento quanto o de espetáculo, que se organiza nos planos da economia de mercado, modificando a cultura em mercadoria no contexto da indústria do entretenimento, precisa ser observada atentamente, a partir da economia da cultura. Isto é, a idéia principal é fazer com que as pessoas construam sua própria cultura, e não, simplesmente, a consuma. Com isso, “podemos captar a transformação que vem ocorrendo no plano da cultura corporal de movimento, aí incluído o esporte, [...] com o conceito de comercialização/mercantilização ou então mercadorização do esporte” (BRACHT, 2005: 92).

Dessa forma podemos responder a pergunta norteadora deste capítulo que é: como ocorre o processo de mercantilização do esporte? Contudo, o processo de mercantilização segundo Di Giovanni (2005):

[...] reflete a complexidade da divisão social do trabalho na sociedade urbano-industrial, bem como os princípios de organização da economia capitalista, na qual a atuação das “leis de bronze” que regem a concorrência entre os produtos fazem com que passe a ocorrer a “produção pela produção”, o produtivismo que faz aumentar a massa de mercadorias aportada ao mercado, bem como o surgimento de novos bens materiais ou culturais mercantilizados e a constituição sempre renovada de novos mercados (DI GIOVANNI, 2005: 166).

Assim, a competitividade no modo de produção de mercadorias, no sistema capitalista, tem pressa em aumentar sua produtividade para conquistar os espaços de suas concorrentes e, garantir um maior lucro, pois, o esporte transformou-se em objeto de consumo de massa.

De acordo com Nozaki e Penna (2007), podemos identificar que, no início do século XXI, o predomínio das dimensões do esporte estão ligadas ao sistema econômico de mercado capitalista, entre elas podemos citar:

- a) A espetacularização ligada ao âmbito da mercadorização, no contexto de um sistema que se colapsa pela superprodução de mercadoria;
- b) A fabricação do esporte pelas grandes corporações, adaptada ao mais alto grau de exploração capitalista para a maximização dos lucros: na Indonésia, a Nike chegou a pagar 0,40 centavos de dólar a hora, utilizando trabalho infantil (adolescentes de 14 anos de idade) para montar seus tênis, os quais não são fabricados em lugar nenhum nos EUA onde esta empresa tem sede. Outro exemplo de modalidade de exploração que vem se disseminando é a utilização de presidiários, por



parte das grandes empresas nos EUA, em troca de um pequeno salário (de US\$ 0,02 a 2,00 a hora) e/ou de uma redução de sua pena. Empresas como a Spalding utilizam-se deste tipo de trabalho para empacotar suas bolas de golfe, desobrigando-se das leis trabalhistas ao utilizar os presos para a execução de trabalhos (NOZAKI; PENNA, 2007: 01).

Esta exploração representa uma nova forma de valorização do esporte dentro do mercado capitalista, assim como, ocorre na sociedade onde a miséria é produzida pela exploração do capitalismo, em favor do enriquecimento de uma minoria econômica e politicamente dominante.

Outras dimensões da mercantilização do esporte, que podemos destacar, são três elementos que estão relacionados entre si, são elas: a) as modalidades esportivas em si, b) os símbolos das equipes e dos eventos esportivos, cujos “os cinco anéis interligados são hoje uma das mercadorias mais valiosas do mundo – em termos financeiros” (SIMSON; JENNINGS, 1992: 131) e c) os atletas que passam a ser utilizados como *outdoors* ambulantes.

Contudo, o esporte moderno ao longo da história desenvolveu sua marca mercadorizada e, no entanto Bracht (2002) pergunta até que ponto este elemento, que faz parte da cultura, irá assumir um caráter de mercadoria.

Para Marx (1996: 165) “a riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’ e a mercadoria individual como sua forma elementar”. Por isso, enquanto a nossa sociedade assumir os valores do sistema capitalista, determinando o modo de produção das instituições, todos os elementos de uma cultura serão mercadorias e objeto de consumo.

Assim, como o trabalho humano é uma atividade transformadora, através da qual o homem cria objetos culturais e cria a si próprio, satisfazendo suas necessidades, a mercadoria é:

Antes de tudo, um objeto extremo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas mercadorias, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Aqui também não se trata de como meio de subsistência, isto é,

objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção (MARX, 1996: 165).

Por conseguinte, a mercantilização do esporte afeta as práticas corporais, que envolvem relação com o consumo no lazer e com a produção e consumo do esporte-espetáculo, haja visto que, o esporte no mundo contemporâneo, exerce um papel significativo na economia mundial (BRACHT, 2002).

Podemos perceber que, no caso do esporte de alto rendimento, ele segue uma lógica mercantilista, onde os eventos esportivos são espetáculos e os atletas, produtos em exibição com alto potencial de atrair consumidores em massa.

Dentro dessa perspectiva de mercantilização, o esporte se assemelha as forças produtivas capitalistas que:

transformam o corpo em instrumentos [...] e o atleta profissional é um novo tipo de trabalhador que vende a um patrão sua força de trabalho (capaz de produzir um espetáculo que atrai multidões); é valor de troca de sua força de trabalho, regulado pelas leis de oferta e procura de mercado (RUBIO, 2002b: --).

Recentemente tivemos em nosso país (Brasil, ano de 2007), a realização dos XV Jogos Pan-Americanos e o III Jogos Parapan-americanos, eventos estes que causaram muitas confusões decorrentes das paralisações realizadas pelos trabalhadores das obras do Pan, e certa desconfiança sobre o seu orçamento com a utilização da máquina pública para privilegiar a iniciativa privada.

Estas questões deram-se, justamente, em torno dos lucros que estes espetáculos proporcionam, sendo que:

O processo de mercadorização do esporte evidencia-se não apenas pela entrada do capital privado para o seu financiamento, mas pela criação de um mercado próprio dos Jogos. Ou seja, os Jogos são, ao mesmo tempo, a mercadoria a ser realizada, como, também geram mercadorias a serem vendidas (NOZAKI; PENNA, 2007: 04).

No caso dos trabalhadores, foram realizadas três paralisações que envolveram cerca de 150 pessoas, para reivindicar melhores condições de trabalho e aumento salarial. Já o

orçamento estipulado para as obras do Pan, estava previsto em torno de R\$ 475 milhões, mas encerrou-se com um montante de R\$ 1.284 bilhões (NOZAKI; PENNA, 2007).

Todo este investimento para a realização desses eventos faz parte da lógica capitalista de investimentos, onde, para obterem-se maiores lucros e capital é necessário ter um grande número de pessoas alienadas e acomodadas, que não questionam a realidade que está sendo formada em sua volta. Pois, as condições de vida, a cada ano, passam a ser mais miseráveis e em proporção a isso, a violência também aumenta, enquanto que o governo utiliza, politicamente, o esporte como instrumento ideológico, para combater e camuflar, ao mesmo tempo, esta miserabilidade que estamos vivendo.

Por isso, a mercantilização do esporte e o sistema capitalista não passam de um mero processo de exploração das condições de vida humana que se expande pelo mundo inteiro, ou seja, são faces da mesma moeda que fortalece a supremacia das classes economicamente dominantes. E o esporte, nesse sentido que é explorado, acaba contribuindo para que a superestrutura do esporte permaneça determinando o seu futuro, mergulhando-o numa economia de mercado que demonstra ser competitiva e desleal para os princípios da vida humana, enquanto que os atletas e os consumidores permanecem na infra-estrutura, produzindo o espetáculo e o consumo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o esporte se encontra, atualmente, no mundo contemporâneo em planos políticos e ideológicos, onde sua transformação em mercadoria monopolizada é a riqueza da superestrutura que são formadas pelos os magnatas da mídia eletrônica, dirigentes e presidentes esportivos, patrocinadores e pelos governantes que assumem e controlam o destino do esporte. Esses criam falsas ideologias, para manter as pessoas alienadas em relação a suas condições de vida miseráveis e, introduz no esporte idéias de superação de limites, determinação, organização, respeito, sucesso sendo essas idéias do sistema capitalista. Também, introduzem na sociedade valores de igualdade e oportunidade, sendo que, dentro desse contexto, o esporte é um reproduzidor da competitividade a qualquer custo.

Assim, acreditamos que o monopólio que se criou em torno do fenômeno esportivo são estratégias para a fabricação do espetáculo que está inserido na sociedade de consumo e na oportuna situação, transformar a cultura na qual estamos vivendo. Com isso, o objetivo da mercantilização do esporte passa em satisfazer as necessidades e desejos de seus consumidores, enquanto que, a superestrutura que se criou sobre o esporte fica cada vez mais rica.

Podemos perceber que, vivemos num mundo onde as culturas estão em constante transformação, por causa da expansão do capitalismo e da sua contradição, que separa cada vez mais as pessoas, os povos, gerando conflitos e guerras entre países, religiões entre outras coisas.

Neste mundo globalizado, a “democracia” passa a ser determinada pelos países imperialistas, que usam de seu poder e suas tecnologias avançadas para invadirem outros países com um falso discurso de lutar contra a ditadura e libertar o povo da tirania do governo. Mas, sua real intenção é conquistar o petróleo, esquecendo das questões mais

simples e essenciais para a vida humana, que é a de produzir alimentos para acabar com a fome e produzir mecanismos para que a desigualdade social diminua significativamente.

Contudo, é por isso que o esporte, como um fenômeno sociocultural institucionalizado na vida das pessoas, não pode estar nas mãos desses assassinos que promovem a guerra e nem seguir suas estruturas ideológicas capitalista de competição a qualquer preço. Esta mercantilização faz com que os ideais do esporte sejam corrompidos, alastrando em seu âmbito a corrupção e a ganância por poder e dinheiro.

É preciso que os professores e professoras de Educação Física estejam atentos a esses instrumentos ideológicos que o Estado introjeta na Sociedade, e que são utilizados para a manipulação, dominação, alienação e repressão das relações sociais, afim de não reproduzirem nas escolas as mesmas falsas ilusões e alienações em seus alunos e alunas. Que, através de uma prática revolucionária baseada nas discussões e reflexões críticas sobre o esporte, as crianças reconstruam seus ideais democraticamente, voltados ao ideal da humanidade e do companheirismo. Lembrando que o outro sempre será importante para a prática das atividades físicas e esportivas, pois, se deve jogar com e não contra o outro.

Esta deve ser a nossa luta. Luta contra este sistema contraditório que priva uma classe social que se encontra dominada em detrimento dos interesses da classe dominante. Onde todos possam ter o direito de construir o espetáculo de uma nova ordem de vida social mais justa e fraterna. Por isso façamos das palavras do professor Florestan Fernandes, nossas palavras: “o educador que se nega no plano ideológico e político, se nega também como educador”.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- BARBOSA, Lívia. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3ªed. Ijuí: Injuí, 2005.
- \_\_\_\_\_. Esporte, história e cultura. In: PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo (orgs). **Esporte**: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002, p.191-205.
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capitalismo monopolista**: degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAROSI, Paulo. **Curso de filosofia**. Vol.3. São Paulo: Edições Paulínia, 1963.
- CHAUI, Marilena de Souza. **O que é ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- DANTAS, José Adalberto Maurão. **Trabalho e ideologia**. São Paulo: FAMD, 1986.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DI GIONANNI, Geraldo. Mercantilização das práticas corporais: o esporte na sociedade de consumo de massa. **Revista Gestão Industrial**. ISSN 1808-0448, v. 01, n. 01, p. 164-173, 2005. Disponível em <[www.pg.cefetpr.br/ppgep/revista/revista2005/resumos/Vol1Nr1/artigo12.php-3k](http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/revista/revista2005/resumos/Vol1Nr1/artigo12.php-3k)> Acesso em 17/05/2007.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- LOVISOLO, Hugo. Esporte competitivo e espetáculo esportivo. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (org). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p. 15-40.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MARCANDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MARX, Karl. Processo de trabalho e progresso de valorização: o processo de trabalho. Cap. V. In: **O capital**. Vol.1. São Paulo: Nova Cultura, 1996, p. 297-315, (Os economistas).

\_\_\_\_\_. A mercadoria. Cap I. In: **O capital**. Vol.1. São Paulo: Nova Cultura, 1996, p. 165-208, (Os economistas).

\_\_\_\_\_. Excertos de Ideologia Alemã. In: FROMN, Erich. **Conceito marxista do homem**. 8ª ed. Rio de Janeiro, 1983, p.171-188.

\_\_\_\_\_. O prefácio da contribuição à crítica da economia política. In: IANNI, Octavio (org). **Marx – sociologia**. São Paulo: Ática, 1980, p.81 – 82. (Grandes cientistas sociais)

\_\_\_\_\_. **Manuscrito econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70,1964.

PAES, Roberto Rodrigues. Esporte Competitivo e Espetáculo Esportivo. Cap1. In: MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina (org). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p. 15-40.

PIRES, Giovani De Lorenzi. Mídia, esporte e ilusão. **FIESLA 2006** – Forum Internacional de Esporte e Lazer – SESC. Rio de Janeiro, p.01-11, 2006. Disponível em <<http://www.nepef.ufsc.br/labomidia/arquivos/producao/2006/giovanifiesla2006.pdf> -> Acesso em 15/07/2007.

NOZAKI, Hajime Takeuchi e PENNA, Adriana Machado. Jogos Pan-Americanos Rio de Janeiro 2007: por trás das cortinas do grande espetáculo. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 12, n. 110, p.1/1 jul. 2007. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd110/jogos-pan-americanos-rio-de-janeiro-2007.htm>>. Acesso em 01/10/2007.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, Marcelo Weishaupt ; LUCENA, Ricardo (orgs). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002, p.31-61.

RODRIGO, Eduardo Fantato; MONTAGNER, Paulo César. Esporte-espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar. **Revista Conexões**, Campinas - SP, v. 1, n. 1, p. ---, 2006. Disponível em <<http://www.unicamp.br/feff/publicacoes/conexoes/v1n1/5esporte.pdf> ->. Acesso em 23/06/2007.

RUBIO, Kátia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. In: **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 16 n. 2, p. 130-143, jul/dez. 2002a. Disponível em <<http://www.usp.br/eef/rpef/v16n22002/v16n2p130.pdf> ->. Acesso em 23/04/2007.

\_\_\_\_\_. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. ISSN: 1138-9788. Depósito Legal: B. 21.741-98, v. VI, n.119(95) ago. de 2002b. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-95.htm>>. Acesso em 23/04/2007.

SIGOLI, Márcio André ; DE ROSE JUNIOR, Dante. A historia do uso político do esporte. In: **Revista Brasileira Ciências e Movimento**. Brasília, v.12, n. 2, p. 111-119, ju. 2004. Disponível em <[http://www.noticias.ucb.br/mestradoef/RBCM/12/12%20-%202/c\\_12\\_2\\_18.pdf](http://www.noticias.ucb.br/mestradoef/RBCM/12/12%20-%202/c_12_2_18.pdf) ->. Acesso em 17/05/2007.

SIMSON, Vyy; JENNINGS, Andrew. **Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas**. São Paulo: Best Seller, 1992.

VALLE, Márcia Pilla do. O esporte de alto rendimento: produção de atletas no contemporâneo. **Site PSICOESPORTE**, p. 01-22, 2003. Disponível em <<http://www.psicoesporte.com.br/artigos.htm> - 34k ->. Acesso em 06/05/2007.



VAZ, Alexandre Fernandez. Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade. In: **Revista Digital Esporte e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 01-23, março/junho. 2005. Disponível em <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/pdf/es102.pdf> ->. Acesso em 15/04/2007.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas v. 19, n. 48, p. 89-108, ago. 1999. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a06.pdf> ->. Acesso em 15/04/2007.